

HISTÓRIAS QUE NÃO ACABAM MAIS

# CRÔNICAS DO CANGAÇO

PRIMEIRA EDIÇÃO



RAUL MENELEU

O DRAMA DE LAMPIÃO ANALISADO POR UM ÂNGULO DIFERENTE.



Nessa reportagem da revista O CRUZEIRO de 26 de setembro de 1953, encontramos uma experiência patrocinada por esse periódico, onde ficou para a história do cangaço.

Trata-se da visita do irmão de Lampião às terras de seu passado, tendo contato com familiares de pessoas que traíram seu irmão Lampião, entrando em assuntos que ele preferia não tocar mais, assim como o autor da matéria, em entrevista a familiares, percebeu.

A vida é efêmera e todos nós sabemos disso. Acontece conosco aquilo que o velho adágio popular diz: "**Quem planta ventos, colhe tempestade**" e outro que diz "**Colhemos o que plantamos**". Isso aconteceu com Lampião.

E para lembramos disso, no final dessa reportagem onde nos informa, que o irmão de Lampião, João Ferreira, ao visitar pela primeira e única vez, o local que seu mano tombou, ao cortar um galho de árvore, fazer uma cruz e fixa-la entre pedras, no local onde

jazera o corpo decapitado do irmão, perguntou ao guia:

— Enterraram o corpo?

— Não, a água levou.

Vamos então analisar a reportagem do Repórter Luciano Carneiro e ver também as fotos que ele próprio tirou:



## "LAMPIÃO É NOSSO SANGUE"

PELA PRIMEIRA VEZ A  
FAMÍLIA DO "CAPITÃO"  
VIRGULINO DEFENDE DE  
PÚBLICO A SUA MEMÓRIA

CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE\* (para  
ver as fotos aumentadas você tem que estar  
logado na internet)

O jornalista chama de **Jornada sentimental** a visita de um "irmão de "Lampião" pelas terras que serviram de marco à carreira do "rei do cangaço" — João Ferreira revê o seu berço natal após uma ausência de 37 anos e planta uma cruz onde o mano Virgulino foi morto e decapitado — A outra irmã sobrevivente mora em Alagoas — O CRUZEIRO localiza e fotografa a filha e o netinho de "Lampião" — Deve uma filha

envergonhar-se do pai cangaceiro?" pergunta o jornalista Luciano Carneiro.

**ESTA** reportagem, diz a matéria, "nasceu de um encontro com Rachel de Queiroz." E Luciano Carneiro relata que em conversa com a escritora e imortal da ABL Rachel abriu sua bolsa e tirou uma carta para lhe mostrar e lhe disse que era de "Um primo de "Lampião" foi quem escreveu". O primo, Antônio Ferreira Magalhães, advogado em Recife, dizia a Rachel, entre outras coisas: "**Nós da família Ferreira... não pretendemos justificar ou legitimar os crimes de "Lampião" mas julgamos... lamentável erro de observação... o situar-se Virgulino no plano comum dos malfeitores..."**

**A carta** fascinaria qualquer um de nós pesquisadores se a víssemos. O repórter, pela carta lida, reconhece que, se esse primo achava que "Lampião" não foi um criminoso comum, seria que a família Ferreira teria uma interpretação particular dos fatos. E ele ver passando por seus olhos mentais uma grande reportagem e diz pra ele mesmo: *Nesse caso, por que não se dar a palavra aos Ferreira?* **Permitir que eles, pela primeira vez, apresentassem o seu lado da história seria colher um elemento valioso para futuras pesquisas históricas.**

**Mas os parentes** de Lampião não gostam de falar. Eles dizem ter uma profunda mágoa de que a figura de Virgulino apareça por aí tão deformada. Além do mais, queixam-se muito do que sofreram por causa do parentesco. Seria melhor não reavivar mágoas. O irmão de Virgulino, João Ferreira, manteve-se até 1953 sem falar a jornalistas sobre o drama da família, revoltado com as perseguições que lhe valeram anos de prisão e até uma condenação à morte. E ele jamais compactuara com os feitos do irmão.”

## **DO CEARÁ PARA PERNAMBUCO**

“Quando procurei o advogado Ferreira Magalhães em Recife”, diz o repórter, “ele afirmou que preferia que “esse drama fosse esquecido”. Disse por que: — Para muitos a vida de “Lampião” foi apenas um rosário de atrocidades. Sua morte: um alívio. Para nós, os parentes. Lampião era também o rapaz ordeiro e trabalhador dos primeiros tempos, lançado ao crime por circunstâncias estranhas à sua vontade. Por isso, enquanto o Nordeste se alegrava com as notícias de sua morte, nós nos ajoelhávamos. Nós perdíamos apenas um parente. Um parente que se pusera fora da lei para vingar injustiças.

Havia pois uma divergência de base entre esses dois modos de pensar, acrescentou Ferreira Magalhães. E se eram opiniões



inconciliáveis, "para que rememorar a vida heróica mas inglória de "Lampião", erguendo uma controvérsia sobre a sua cabeça insepulta?"

**A resistência** dos Ferreira à ideia da reportagem terminou por ser vencida e em conseqüência O CRUZEIRO localizou os dois irmãos sobreviventes de "Lampião", levou João Ferreira aonde "Lampião" nasceu e aonde foi morto, obteve de João a versão dos Ferreira sobre os acontecimentos que lançaram Virgulino ao crime, fotografou em primeira mão a filha e o netinho de "Lampião" e Maria Bonita.

**QUANDO** uma volante alagoana matou "Lampião" em 1938, ele usava tudo isso que aparece ao lado: chapéu, óculos, lenço, bornais, cartucheiras, cantil, alpercatas, pistola, punhal e apito. Só a roupa (no foto) não lhe pertencia. O rosto é uma máscara de morte mandada fazer em cera pelo Instituto Histórico de Alagoas, onde estas fotografias foram feitas.



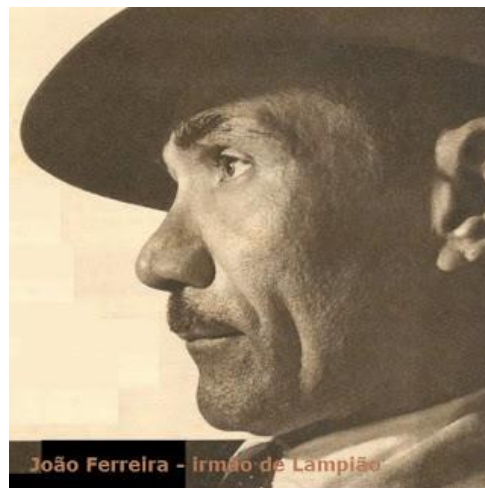
CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE



CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

**UMA CABEÇA** em bronze de "Lampião" e uma estatueta de cangaceiro trabalhada em madeira — símbolos do drama nordestino focalizado agora nesta reportagem. Foram adquiridos pelo cineasta Lima Barreto.

**JOÃO FERREIRA** reviu terras que não pisava havia 37 anos, O único irmão de "Lampião" que não ingressou no cangaço vive hoje (Na data da reportagem) na cidade de Propriá, no Estado de Sergipe, levando a vida honesta que sempre levou. Sofreu bastante por ser irmão de "Lampião".



CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

## A VIAGEM SENTIMENTAL DE JOÃO FERREIRA



### **PARA OS OUTROS A MORTE DE "LÂMPIÃO" FOI UM BEM, UM ALÍVIO.**

ESTA REVISTA proporcionou a João Ferreira uma viagem de automóvel que ele jamais sonhara realizar.

CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

**“NO ALTO SERTÃO** de Pernambuco João abraçou parentes que não via desde os seus quinze anos de idade.

**NÃO HAVIA** choro quando partia. Estivera ausente 37 anos. E ausência é madrasta de apego.

**JOÃO FERREIRA** mandou cortar um galho de árvore e fazer urna cruz. Fincou-a no local onde jazera o corpo do mano. Foi recolher flores silvestres e veio depositá-los ao pé da cruz. Para homenagear o irmão.

**A iniciativa** de O CRUZEIRO proporcionou a João Ferreira uma jornada sentimental que ele jamais sonhara realizar. Esse homem alto,



careca, desconfiado, das fotografias, passou seis dias em cima dum automóvel, varando 2.000 km de Pernambuco, Sergipe e Alagoas. “Vocês precisavam ver que arroubos de entusiasmo o alto sertão arrancava de João”, disse o repórter. “Como seus olhos brilhavam. Como o semblante irradiava alegria, pelo menos enquanto ele podia esquecer as razões que o haviam afastado das terras de seu bem-querer.”

**No município** de Serra Talhada, em Pernambuco, ele abraçou parentes que não via desde os seus 15 anos de idade. E ele agora (na data da reportagem) está com 52 anos. Levado à Fazenda Serra Vermelha, onde nasceu, e onde também nasceu "Lampião", João Ferreira encontrou xique-xique brotando nas ruínas do casarão de sua infância. Voltou-se para mim e disse com desalento: "A vida é assim mesmo..." Há 37 anos não pisava ali. Pensava que ia morrer sem voltar. Conversava (incógnito) com os novos donos da terra, fazia perguntas sobre a vida na fazenda. Tudo agora lhe parecia diferente. Não havia mais aquela atmosfera dos seus tempos de menino, dos seus tempos de rapaz. Não havia mais."

## **O ADVOGADO**

pernambucano Antônio  
Ferreira Magalhães, primo de  
"Lampião".



CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-  
LA GRANDE



CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA  
GRANDE

## **"LAMPIAO" - MOÇO**

Virgulino Ferreira do  
Sirva aos 26 anos de  
idade, numa fotografia  
rara que se encontrava  
em poder de umas tias,  
em Pernambuco. Foi  
nessa época que ele  
recebeu a "patente" de  
capitão das mãos de  
Padre Cícero, do Juazeiro  
do Norte. Reparar o olho  
direito cego.



**João VIAJANDO de barco**, ouvia histórias sobre os últimos dias de "Lampião". Na foto da página à direita, fotos acima, deitado, o primo Manuel.

CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

**EM ANGICO** desembarcou para ver a local onde, há 15 anos, o seu mano foi traído, morto e decapitado. (Na foto da página acima, fotos pequenas.) **FOTO GRANDE, A CRUZ DE GALHOS COLOCADA POR JOÃO FERREIRA**

**EM DELMIRO**, no casa da mana Mocinha, tomou leite no pé da vaca, com farinha. (Na foto da página acima, fotos pequenas.)

**EM SERRA Talhada**, João Ferreira viu xique-xique brotando nas ruínas do casarão onde "Lampião" nasceu. (Na foto da página acima fotos pequenas ao lado da grande.)

## "O CRUZEIRO" DESCOBRE EM ARACAJU A FILHA E O NETO DE MARIA BONITA. NUNCA FORAM FOTOGRAFADOS. NUNCA FORAM FOTOGRAFADOS.



CLIQUE NAS FOTOS PARA VÊ-LAS GRANDE

**A FILHA, O NETO, E O GENRO DE LAMPIAO**, Expedita Ferreira, ao lado de seu esposo Manuel Messias Neto, segura o filhinho Dejair, de 9 meses de idade, neto de "Lampião". Pela primeira vez a família posou para o objetivo de um repórter.

## A FILHA DE "LAMPIÃO"



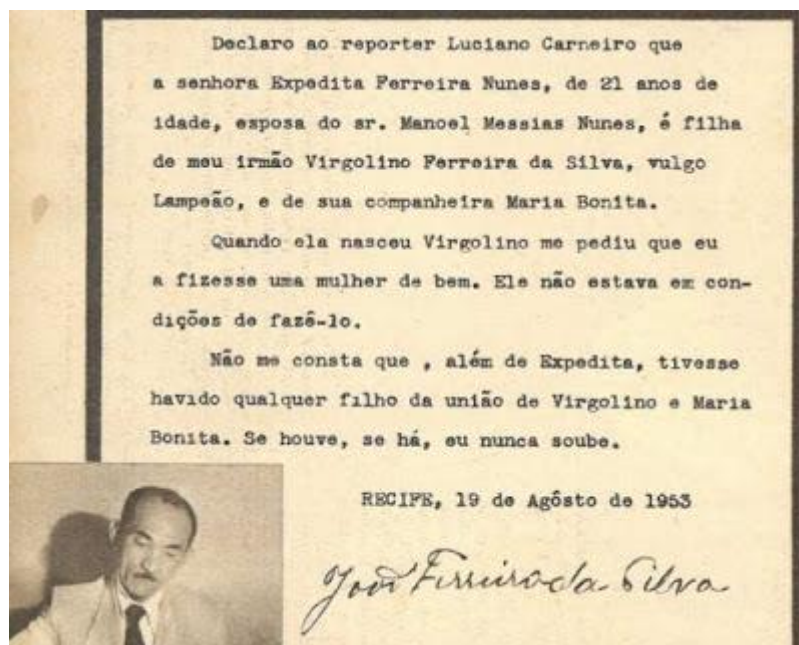
CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

**E**xpedita Ferreira Nunes, que a família Ferreira aponta como única filha deixada por "Lampião" com Maria Bonita, foi localizado pelo repórter em Aracaju. É uma jovem esposa e mãe, com 21 anos de idade. Normal. Bonita. De tez morena. Foi educada por João Ferreira e, seguindo o exemplo de seu tio, não gosta de falar sobre "Lampião".

Mas lê tudo que se publica sobre seu pai e até mesmo o filme "O Cangaceiro" ela foi ver e não gostou. Ela guardava a edição de O CRUZEIRO com a reportagem de João Martins sobre "Lampião". Expedita revê uma fotografia usado por Martins naquela reportagem.

**DIZIA-SE** que "Lampião" e Maria Bonita haviam deixado um filho. João Ferreira nega, assinando a declaração cujo "facsímile" estampamos abaixo:





CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

"Declaro ao reporter Luciano Carneiro que a senhora Expedita Ferreira Nunes, de 21 anos de idade, esposa do sr. Manoel Messias Nunes, é filha de meu irmão Virgolino Ferreira da Silva, vulgo Lampeão, e de sua companheira Maria Bonita. Quando ela nasceu Virgolino me pediu que eu a fizesse uma mulher de bem. Ele não estava em condições de fazê-lo. Não me consta que , além de Expedita, tivesse havido qualquer filho da união de Virgolino e Maria Bonita. Se houve, se há, eu nunca soube."

RECIFE, 19 de Agosto de 1953

**OS CORPOS** de "Lampião", Maria Bonita e seus nove comparsas haviam ficado realmente no leito seco de um riacho. Uma ligeira camada de terra os cobria. Os urubus descobriram e deram em cima. Veio uma alma

piedosa, enxotou-os, foi buscar veneno e o espalhou pelo local com o fito presumível de manter afastados os urubus. Sem poder adivinhar que aquilo fosse veneno, os urubus voltaram à carga. Três ou quatro tombaram ali mesmo. E o próximo visitante que chegou, encontrando os urubus mortos sobre os restos dos cangaceiros, pensou rápido e saiu com a boca no mundo a dizer que "Lampião" não havia sido morto a bala, não. Havia sido envenenado. (VEJA OUTRO ARTIGO MEU NESSE LIVRO)

**Assim se formam certas lendas** no Brasil. Aliás, ninguém pôde atestar se os despojos estavam envenenados ou não. Quando as chuvas chegaram, o riacho ganhou águas e as águas mesmas cuidaram de decompor e destruir o que restava do estado-maior de "Lampião". João Ferreira se esquivava de ouvir essas histórias. Seus anos de vida estavam cansados de ouvir histórias tristes sobre Virgulino. Em vez, ele andava pelo mato a procurar qualquer coisa. Até que voltou, trazendo um punhado de flores silvestres. Aproximou-se da cruz tosca. que fixara entre as pedras, tirou o chapéu da cabeça e se ajoelhou. Após alguns momentos de reflexão, depositou as flores ao pé da cruz. Para João. a morte perdoara os crimes de Virgulino. Ali ele não era mais o rei dos cangaceiros. Era um finado.

Quando João se levantou, alguém identificou entre os presentes o Sr. Oséias Cândido, irmão de Pedro Cândido.



**Pedro Cândido** era um fazendeiro que negociava com "Lampião" e foi quem guiou a volante alagoana ao esconderijo de Angico. "Lampião" morreu por causa dessa traição.

CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

— Meu irmão — disse Oséias — foi posto num dilema: morrer, ou mostrar onde "Lampião" estava. E contou que o bando foi surpreendido às 5 horas da manhã, quando presumivelmente dormia. João Ferreira ficou ouvindo de longe, como a não querer misturar-se com o irmão de Pedro Cândido. Ficou mudo o tempo todo. Só abriu a boca no momento em que Oséias contou que Pedro morrera assassinado, em 1942. Quando perguntei a Oséias: "Que é de Pedro?", e ele respondeu: "Mataram", João comentou lá de traz: — Bem feito. E então nos retiramos, deixando a cruz e as flores dentro da

paisagem. Voltamos a Piranhas peio Rio São Francisco, à noite, debaixo duma lua cheia linda e comovente. Horas mais tarde, quando os quatro passageiros de nosso carro jogaram-se às camas de um hotel em Santana do Ipanema, Manuel Ferreira tirou um livro de sua pasta e pediu que ouvíssemos alguns versos.

**O livro era "Bandoleiros das caatingas",** excelente reportagem de Melquiades da Rocha. Os versos, do cantador Zebele. Versos que nos desviaram o pensamento da lua se derramando sobre o São Francisco, para recordar, mais adiante, aquela cruz e aquelas flores no matagal da Fazenda Angico. Diziam assim:

**Ninguém no mundo se livra  
Do gorpe duma traição.  
Inté Jesus foi traído  
Por um judeu sem ação,  
E morreu crucificado  
Sexta-feira da Paixão.  
Lá na grata dos Angico,  
No meio da escuridão,  
Cercado por todos lado,  
Ferido de supetão,  
Foi pegado, foi traído.  
O gigante do sertão.  
  
Era brabo, era marvado  
Virgulino, o Lampião,**

**Mais era, pra que negá,  
Nas fibra do coração  
O mais perfeito retrato  
Das catingas do sertão**

**A viola tá chorando  
Tá chorando com razão  
Soluçando de sódade,  
Gemendo de compaixão.  
Degolaram Virgulino,  
Acabou-se Lampião.**

**Havíamos atingido Santana do Ipanema,** em Alagoas, para investigar o boato de que o vigário local criara um filho de "Lampião". Padre Bulhões não vivia mais, porém sua família podia esclarecer. O saudoso vigário realmente educara o filho de um cangaceiro. Mas filho de "Corisco", não de "Lampião". Retomamos viagem, para descobrir 12 horas mais tarde em Aracaju, a filha de "Lampião" e Maria Bonita.

**Sim, o rei do cangaço** deixara uma filha. Dizia-se que era um filho. Esta própria revista recentemente divulgou declarações que defendiam essa versão. Mas João Ferreira não dá fé. Ele sabe apenas que um dia Virgulino lhe mandou uma menininha, com um bilhete para que ele a educasse. "O nome é Expedita", dizia o bilhete.



**Expedita, hoje, é ainda** uma criança. Mas já mãe. Tem 21 anos de idade, (à época da reportagem) um marido da mesma idade, um filhinho de 9 meses, Dejair. É uma cabocla forte e bonita, que não apresenta qualquer Sinal de degenerescência, nenhuma tara. Em julho de 1938, quando as cabeças de seus pais estiveram no Serviço Médico Legal de Maceió, o exame não denunciara estigmas que caracterizassem "Lampião" ou Maria Bonita como criminoso nato. Não surpreendia, que a filha fosse também normal. — O que tem é gênio forte. Herdou do pai — disse João. Nós a avistamos quando cuidava do filho. Dava-lhe leite em mamadeira, aí pelas 6 horas da tarde. Tinha um semblante tranquilo, os gestos delicados. Parecia feliz. A casinha modesta estava que era um mimo. Havia poltrona na sala, berço no quarto, jogo de panelas na cozinha. Tudo arrumado, tudo limpo que fazia gosto. Expedita dava leite ao nenê enquanto esperava o marido, Manuel Messias Nunes, para jantar, Manuel chegou logo. Tão criança quanto a mulher. Vê-los caducando com Dejair era ver dois meninotes que brincassem de papai e mamãe com um bebê. Educada por João, Expedita sabe porém de quem é filha. Na mesa da sala descobri O CRUZEIRO com a reportagem de João Martins sobre o livro "Lampião" de Optato Guelros. Sinal de que ela não era indiferente ao assunto. Mas que gosta de falar nele, não

gosta. Tive de sondar pessoas de sua intimidade para conhecer-lhe as reações ante o tema "Lampião". Ela jamaisalaria a um estranho sobre esse caso. Sempre tem medo de que sua condição de filha de "Lampião" atraia vexames para o marido, mais tarde para o filho. Pude colher que, embora evitando conversar sobre cangaceiros, ela devora toda leitura que se refira ao pai. Algo mais: foi ver o filme "O Cangaceiro", de Lima Barreto. Voltou de lá aborrecidíssima com a deformação do caráter do pai". Pois identificou "Lampião" no personagem central do filme. Expedita, como de resto todo o Nordeste, ligava pouco para o fato de Lima Barreto fazer arte. Queria apenas história. Interpretação honesta dos fatos. E ficou revoltada em ver os cangaceiros só viajando a cavalo, feito "cow-boys" americanos, eles que só atravessavam e caatinga andando com os próprios pés. E revoltada em ver que não davam descanso a seu pai nem depois de morto.

**Achei** bonito que os Ferreira não se envergonhassem do parentesco com "Lampião". Lembro uma reportagem que fiz no Oriente sobre um australiano que amava uma japonesa. Proibido de casar, pois a Austrália àquele tempo não queria australiano casado com japonesa, o soldado Frank Loyal Weaver achou que o coração tinha razões mais fortes, e se casou. Foi deportado sete

vezes para a Austrália; clandestinamente voltou sete vezes ao Japão. Pois bem: os pais de Weaver, envergonhados, repudiaram o filho, nunca mais quiseram saber dele.

**Quando** é que um sertanejo nosso abandonaria o filho por ter casado com quem queria? É como me diziam os primos de João no meio da viagem: "Lampião" é nosso sangue. E sangue é sangue". Achei bonito que os Ferreira reverenciassem o parente morto. Terem a coragem de não negar. A bravura de defender. Lá em Serra Talhada uma senhora me disse: — Meu pai é Antônio Matilde. Ouviu falar nele? Era do bando de "Lampião". Pois olhe: tenho orgulho de ser filha de Antônio Matilde. Então vou renegar o homem que me deu a vida só porque o mundo o condena? E com um ar de desprezo pelo juízo dos homens ela rematou: — Ora, moço, só Deus é o dono do mundo.



CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

**NO CURSO** de uma das várias palestras mantidas durante a viagem, na própria fazenda "Serro Vermelha", onde ele nascera, João Ferreira ouviu expressões incômodas sobre "Lampião" e seus feitos. Ficou firme. Ninguém sabia quem era ele. Os novos senhores da terra o trataram bem, sem saber a quem tratavam. Tudo bem.

**OSÉIAS CÂNDIDO** contava por que seu irmão Pedro guiara os matadores de "Lampião" ao esconderijo no grota de Angico. Fora forçado por ameaça de morte. João Ferreira ficou espiando, desconfiado, como o não querer misturar-se com o irmão de quem traíra Virgulino e o empurrara para a morte.

**Antônio**, o irmão mais velho. nem os outros irmãos mais velhos, Livino, Virgulino e

Virtuosa. Ele, João, era o quinto filho do velho José Ferreira e da "cumadre" Maria José. Abaixo vinham Angélica, Maria, Ezequiel e Anália. A família era grande e próspera. Pai e mãe vivos, nove filhos, gado no campo, terra trabalhada, dinheiro nos baús. Agora, tudo diferente. Por que? — Por que não nos deixaram viver em paz? —perguntou ao ar.



CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

MOCINHA é a única irmã que restou a João Ferreira. Ela aparece aqui tomando café, sentada, em sua casa de Delmiro, cidade alagoana próximo à Cachoeira de Paulo Afonso. De costas, o marido de Mocinha.

**Deixando a fazenda**, João foi abraçar a única irmã que lhe restava, Maria. "Chamo-a de Mocinha", explica. Ela mora em Delmiro, Alagoas, é bem casada e mãe de duas moças e um rapaz. João passou uma noite inteira contando-lhe os detalhes da sua viagem.

**Depois** ele atingiu as margens do Rio S. Francisco, tomou um barco e foi à Fazenda Angico. Ver o local onde mataram o mano.



Manuel e Antonio Ferreira, os dois primos que o acompanhavam na viagem, alguns tripulantes do barco e gente da vizinhança, seguiram João até a gruta famosa onde a volante do capitão Bezerra liquidou "Lampião" em 1938. João olhou em volta sem dizer uma palavra. Então tinha sido aquele o palco da cena final... Botou a mão na mesma pedra onde o pescoço de Virgulino recebeu o golpe do facão. Depois mandou cortar um galho de árvore, fazer uma cruz. E fixou a cruz entre pedras, no local onde jazera o corpo decapitado do irmão.

— Enterraram o corpo? — perguntou ao guia.  
— Não a água levou. — não, a água levou.

Raul Meneleu às 04:41:00  
domingo, 7 de fevereiro de 2016



## Lampião: O Capitão do sertão! - Foi ou não foi veneno?



Quando viajamos na internet, encontramos muitas matérias interessantes e essa é uma delas. Custa acreditar que o temível e esperto cangaceiro chefe, depois de tantos anos possa ter arriado sua vigilância, sabendo que era bastante procurado pelas Volantes que infestavam o sertão em busca de sua captura ou morte. Era troféu disputado pelos que chefiavam os grupos de inimigos seus.

Por parte das autoridades da República ele simbolizava o que de pior existia na sociedade humana e sua brutalidade era uma doença que estava fazendo muitos no sertão serem contaminados e se rebelarem contra a autoridade constituída. Precisava com urgência ser cortada a ferro e fogo.

Tornou-se um personagem no imaginário nacional, como sendo um "Bom bandido" aos moldes de Robin Hood, que roubava dos ricos para dar aos pobres. Era visto por muitos como um revolucionário que questionava e subvertia a ordem social vigente. Era preciso acabar com ele, antes que a multidão de

famélicos e pequenos agricultores que trabalhavam para os coronéis donos das terras, se juntassem a ele.

*A* hipótese do envenenamento existe e não podemos deixar de levar em conta as afirmativas e suposições de alguns pesquisadores e curiosos pelo tema cangaço. Alguns dizem que o coiteiro Pedro Cândido era homem de confiança de Lampião e poderia ter levado bebidas com veneno ou soníferos, outros que tinha o coiteiro levado pães envenenados. Esses argumentos, dizem, podem ser constatados pela morte de urubus após terem comido as vísceras dos cangaceiros e também por quase não ter havido reação do bando.

*O* assunto é bastante controverso e merece que tenhamos a mente aberta para os prós e contras da teoria. Eis um dos artigos que achei bastante interessante e que merece ser lido. Não faço colocações de “contra” ou a “favor” apenas relato.



## Lampião: O Capitão do sertão!, Cap VI

Por A. Fleming em 20/12/2010 às 20:39

Extraído do GEH - Grupo de Estudos Humanus

### Capítulo VI (midiaindependente.org)

#### A morte de Lampião

*Aquêle ôlho terrível que  
nos fitava no fundo  
da história do sertão...*

#### Lampião põe Luis Carlos Prestes para correr do Ceará

Virgulino Ferreira da Silva, o Capitão Lampião, que juntamente com seu braço direito Cristino da Silva Cleto, o Capitão Corisco, que receberam a missão do padre Cícero Romão Batista através de seu porta voz Floro Bartolomeu, de combater a coluna Prestes. Prestes, quando soube que o Capitão do nordeste se encontrava preparado para o enfrentamento, mudou a rota e partiu em retirada sendo perseguido por Lampião que o obrigou a fugir, a fim de não ter que passar pelo vexame de ser derrotado e humilhado pelo Capitão do Sertão.

## Alguns argumentos em prol do envenenamento

Depoimento espontâneo e corajoso do coronel JOSÉ ALENCAR DE CARVALHO (Senhorzinho Alencar), oficial reformado da Polícia Militar de Pernambuco, que durante dez anos enfrentou Lampião em combates memoráveis:

- "Essa questão de envenenar Lampião *era velha*. Vendo, dia a dia, agravar-se o problema do cangaço, os *chefes de volantes* queriam acabar com o terrível bandoleiro *de qualquer maneira*. A ordem que vinha de cima (Getúlio), era para liquidar com ele. Desconfiado, ligeiro, ágil como cabrito novo, Lampião escapava sempre dos cercos da polícia. Daí a solução *rápida, embora ilegal*: a morte pelo envenenamento. E muitos chefes de volantes pensaram assim: - MANUEL NETO, dos mais heróicos combatentes contra o cangaceirismo, *procurou comprar coiteiros* para envenenar Lampião. "Eu mesmo, certa vez, *prometi vultosa fortuna a uma velha*, da inteira confiança de Virgulino, se ela fizesse o Rei do Cangaço beber de um vinho *que eu lhe dera*".

- Dois episódios em que o coronel Alencar, provando que ninguém jamais pegou Lampião desprevenido, corrobora o propósito geral de matá-lo com veneno:



a) "Sabendo que ele (Lampião) tinha desejos de pegar um seu inimigo, fiz do mesmo uma espécie de cobaia. Coloquei-o na fazenda de certo parente de onde ele passou a mandar insultos e recados a Lampião, convidando-o a brigar. A resposta do bandoleiro foi esta:

- *"Você está muito fácil. Aguardo uma oportunidade mais difícil".*

Como se adivinhasse que ali perto eu me achava, pronto para atacá-lo pela retaguarda.

b) "De outra vez, no. encalço de Lampião, encontrei-me com um vaqueiro que disse saber onde ele estava escondido. Numa casa abandonada, a dez léguas dali, ele tratava de Antônio Rosa, um de seus cabras de confiança, atacado de febre. Guiados pelo vaqueiro, andamos toda a noite. Ao amanhecer, estávamos diante da casa. Mas, que surpresa! As árvores próximas estavam crivadas de balas. Xique-xiques e mandacarus decepados por forte tiroteio. Soube, tempos depois, que a sentinela de Lampião, despertada alta noite por um barulho que vinha do mato, alertou o bando. Abriram tiroteio cerrado e terminaram por fugir. A causa do barulho: um bode que pastava nas proximidades. Foi um simples bode, mas

podia ser a volante. Lampião não facilitava nunca".

2. Em PARIPIRANGA, BA, a polícia envenenara toda a comida que Lampião, acampado perto dali, mandara comprar. Somente no dia seguinte iria ele mandar dividir esses mantimentos com os cabras. De manhã, porém, a polícia, em erro de tática, vexou-se em atacá-lo, travando-se tiroteio. Descoberto que a comida estava envenenada, Lampião bateu em retirada deixando-a aos soldados...

3. Pouco tempo antes de Angico havia *João Bezerra afirmado a Mané Neto que iria exterminar Lampião a veneno*. Pondo de lado o despeito de Mané Neto em não ter podido jamais matar nenhum dos irmãos Ferreiras, os quais, ao contrário, lhe mataram quinze nazarenos, sendo nove familiares, o certo é que, na polêmica mantida na imprensa entre esses dois oficiais, terminou João Bezerra confirmando que *"nenhum governo estipulou a espécie de morte que seria aplicada a Lampião"*. Depois veio ele querendo escamotear dizendo: - *"Envenenar Lampião teria sido um prazer, se tivesse tido essa grande oportunidade!"*

4. PEDRO CÂNDIDO esteve badalando que botou veneno (Cf. Adendo II).

5. O cangaceiro Zé Sereno, em entrevista ao Correio da manhã, do Rio de Janeiro, a 28 de julho de 1971, caderno Anexo, recordando a tragédia de Angico, assim se exprime: - "O, coiteiro (Pedro Cândido) chegou com os *alimentos envenenados a mando da volante*, menos três litros de pinga que, normalmente, ele próprio, o coiteiro, deveria ingerir em pequenas doses para provar sua confiança (...) minha suspeita com Pedro de Cândido confirmou-se depois que ele se foi (...) Apanhei um LITRO DE VERMUTE Cinzano e notei um pequeno buraco na rolha, provavelmente feito por uma seringa. Chamei Lampião e disse-lhe:

- "*O SENHOR É CEGO DE UM OLHO, MAS PODE VER QUE ESTA BEBIDA ESTÁ ENVENENADA*".

6. Padre José Kehrle ouviu o SOLDADO VICENTE, integrante da volante de Angico, afirmar - "*Até com juramento!*" - que Lampião fora envenenado.

7. José Francisco do Nascimento, vulgo ZEZINHO BARBA AZUL, casado em Catende, PE, donde é natural, atualmente residindo em Caruaru. Origem curiosa de seu apelido: deixou a mulher que prevaricara e foi arranjanado outras até completar o número de seis, incluindo a esposa. Com o caso da perda

da esposa, perdera também o medo do que quer que seja e adquiriu a tal coragem motivada pelo estado de desespero em que ficara. Em certas ocasiões, chegou a brigar com Lampião perto, enquanto seus "colegas de farda se mijavam de medo"! Afirmando enfim, "com toda a certeza", que *Lampião não foi morto a bala*.

8. O coronel SENHORZINHO ALENCAR, após ouvir minucioso relato de um ex-volante de Angico e de examinar cuidadosamente o fato, declarou de público: - "*Acredito firmemente na hipótese do envenenamento de Lampião*".

9. O tenente ANICETO RODRIGUES, um dos principais componentes da Tragédia de Angico, igualmente levantou suspeição (daí por que João Bezerra omite seu nome no livro *Como dei cabo de Lampião*).

10. O coronel LUCENA, fugindo a um inquérito, que seria contundente, para decidir a questão, saiu-se com esta: - "*É tarde demais!*" (cf. mais adiante, Adendo II b).

11. Os onze cadáveres foram encontrados numa *área apenas de vinte e cinco metros quadrados*, não havendo sinal de terem sido arrastados por ali. Indício de que, reunidos para o café, foram ao menos mais da metade dos cangaceiros, caindo envenenados dentro

desse reduzido espaço. Em luta teriam sido mortos sim, mas dispersos. Por isso o coronel MANUEL NETO em carta aberta na imprensa: - *"Não acreditei e continuo desacreditando, porém, na possibilidade de haver sido Lampião e seu grupo, abatidos como porcos, num único combate e no mesmo chiqueiro, registrando-se, apenas, uma baixa na tropa que o enfrentou". E concluía: "Lampião não era um covarde, um inexperiente para se deixar abater tão facilmente..."*

12. Assim, também, o historiador sertanejo ULISSES LINS, tão escrupuloso da verdade: *"... para que todos fossem mortos a bala, fora necessário todos juntos... como passarinhos na bebida..."*

13. Outro historiador, RODRIGUES DE CARVALHO, no seu livro *Serrote preto*, é pelo envenenamento.

14. ANTÔNIO SILVINO, velho cangaceiro muito experimentado, não acreditou em combate e até pilheriou dizendo que Lampião e seus homens estavam *"dormindo"*...

15. URUBUS MORTOS. Sob a orientação dos professores drs. José Joaquim de Almeida e Aníbal Firmo Bruno, formou-se, na Faculdade de Direito do Recife, uma comissão de estudantes segundanistas do curso de

bacharelado, a qual, para conseguir facilidades em Alagoas, tomou o nome de *Comissão Acadêmica Coronel Lucena*, com a finalidade de visitar e estudar os resultados da Tragédia de Angico *in loco*. Compunha-se a caravana de seis acadêmicos: Edson Cantarelli Caribe (presidente), Wandenkolk Wanderley, Plínio Inácio de Sousa, Haroldo de Melo, Décio de Sousa Valença e Alfredo Pessoa de Lima. A este incumbia apresentar ao interventor de Pernambuco o relatório da missão. Agamenon Magalhães arranhou as passagens, ida e volta, de trem, a Maceió. Edson voltou de Quipapá, alegando não poder fazer face a certas despesas, enquanto os outros prosseguiram, chegando, no mesmo dia 3, a Maceió, onde entraram, de imediato, em entendimento com as autoridades.

Partiram dali em caminhão que levava tropa. Viagem sacrificosa e morosa por estradas carroçáveis, em péssimas condições de conservação, no itinerário de Santana de Ipanema, Pão de Açúcar (onde dormiram na casa do delegado Tenório) e Entremontes, e daí para Angico, em canoa e a pé, como ainda hoje.

*Nove dias* fazia que os cadáveres estavam insepultos! Não se contendo de indignação o ardoroso Alfredo Pessoa de Lima improvisou ali mesmo uma espécie de discurso-libelo



muito comovente censurando aquele "crime da polícia". Deixando de lado o Relatório desse acadêmico (trechos publicados no *Caderno acadêmico*, setembro de 1942, p. 97-111), vazado em rebuscada linguagem eivada de pruridos das teorias lombrosianas tão em moda na época, o que mais importa é seu depoimento pessoal como *testemunha ocular*:

- "Lampião e seus sequazes foram envenenados. A prova peremptória está nos urubus mortos junto aos corpos putre jactos". Outro acadêmico que, junto com Décio Valença, vencendo a repugnância, se aproximou mais do local para observar melhor. Wandenkolk Wanderley, chegou à mesma conclusão. Mais de vinte anos depois, esse destemeroso advogado criminalista, provocado em debate, declarava:

- *"Eu vi com meus próprios olhos, visitando o local, alguns urubus mortos, cinco ou seis, caídos junto aos corpos dos cangaceiros. Devorando as víceras dos bandoleiros (ou os alimentos envenenados), eles também se envenenaram pelo arsênico"*. E, concluindo: - *"A versão dada pela polícia do então tenente João Bezerra não passaria de conversa preparada para iludir crianças. O tal combate não se teria registrado, uma vez que os cangaceiros não podiam mais resistir."*

*Chegando ao esconderijo de Lampião, os soldados teriam encontrado homens moribundos, morrendo sob o efeito do arsênico. Tiveram apenas o trabalho de acabar de matá-los, degolando-os em seguida".*

16. Mas, antes dessa comissão de acadêmicos, quem primeiro esteve no coito de Angico foram o repórter Melquiades da Rocha e o fotógrafo Maurício Moura, enviados do jornal *A noite*, do Rio, os quais encontraram os corpos decepados e os urubus mortos. Mais interessante ainda é que encontraram um vidro contendo pó amarelo. O médico do 2º Batalhão de Polícia de Alagoas, dr. Arsênio Moreira, verificou que era *estricnina*. Remetido para o Rio, o chefe do gabinete de Investigações e pesquisas científicas da Polícia, Antônio Carlos Vila Nova (atual diretor da Polícia Técnica de Brasília, ano de 1962), confirmou o veneno - *estricnina*! O frasco, talvez, caído inadvertidamente do bolso de Pedro Cândido. Daí sua grande preocupação se o plano falhasse.

17. "VOX POPULI"... O autor deste trabalho, nomeado vigário de Tacaratu de 1942 a 1945, percorrendo aquela região toda - de Itacuruba ao vale do Ipanema, das catingas do Navio e Moxotó às ribeirinhas cidades de Piranhas, Pão de Açúcar, Traipu e Própria, dos vastos

sertões baianos, a começar de Juazeiro, passando por Curaçá, Chorrochó, Jeremoabo e Glória, ao pequeno sertão sergipano - não encontrou outra opinião senão esta:

- *Lampião morreu envenenado!*

18. O prefeito de Pão de Açúcar, AL, Joaquim Rezende, afirmou ao cantor Sílvio Caldas que Lampião fora envenenado em Angico, antes do tiroteio.

19. Ainda está vivo o ex-cangaceiro Chá Preto, Eldi Antônio de Oliveira, co-partícipe da Tragédia, para afirmar que Lampião foi envenenado.

20. O celebrado historiador-polemista, Otacílio Anselmo, autor de *Padre Cícero - mito e realidade*, está escrevendo um livro, fundamentado em longo e cuidadoso trabalho de pesquisa e centenas de depoimentos fidedignos, provando que Lampião foi envenenado. Revelando ainda que o *laudo médico* da morte de Lampião - *inicialmente - atestou a presença de veneno* e deu como *causa mortis* o *envenenamento*! O resultado desse exame, no entanto, foi mantido em sigilo! (Supondo o autor que para não prejudicar o Turismo). Não teria havido, porém, outro motivo mais forte? Não teria sido por razão política - de exaltação das autoridades e da polícia?

21. O sargento Manuel Bento declarou que *"foi a maior covardia do tenente Bezerra fazer o que fez com Lampião, que era homem para morrer brigando no campo e não envenenado"*.

## **Depoimento básico sobre o envenenamento**

Um testemunho de máxima importância no ato supremo da Tragédia de Angico. Suficiente por si só, caso não bastasse os outros, que urdiram o texto deste capítulo - o mais intrincado e difícil de escrever - e os vinte e um argumentos anteriores em prol do envenenamento (Adendo II).

Os cangaceiros do coito sobreviventes, distantes do local onde tombaram as vítimas, na surpresa e confusão do momento, quase nada sabem dizer. Conseguiu o autor anotar o depoimento, abaixo fielmente trasladado, mediante compromisso de não comprometer o declarante. Agora, trinta anos depois, com a prescrição legal, quase tudo pode ser revelado.

Do padre Magalhães, vigário de Geremoabo, esta declaração pessoal ao autor:

- "*Posso afirmar ex-fide que Lampião morreu envenenado*". Ex-fide, expressão jurídico-canônica ajuramentária, como se dissesse: "*Juro diante de Deus*", diferente do sentido jurídico-civil, que é apenas atestatório. O mesmo pode dizer o autor a respeito do presente depoimento.

As circunstâncias de ordem psicológica e sacramental conferem ao depoimento valor incontestável, dir-se-ia absoluto, e invalidam o princípio jurídico do *testis unus*. Tão impressionante depoimento tornou-se o ponto de partida determinante do interesse das pesquisas do autor sobre Lampião.

## **O sono de Lampião**

Lampião nunca dormia com o grupo. Desconfiado por natureza, ficava separado, sozinho. Um dos cabras de sua inteira confiança, muitas vezes escolhido na hora, chamado por ele de "sentinela-do-sono", lhe montava guarda. Perigos de fora e, pior ainda, de dentro havia, se se oferecesse fácil ocasião. Espreitavam-lhe a ambição de lhe tomar a chefia geral do cangaço, a glória de ser seu matador, o prêmio de cem contos de réis oferecido por sua cabeça... Numa comunidade humana tudo pode acontecer. A vigilância teria de ser "eterna".

Aliás, o bando não dormia todo junto, não. Por ordem tática de Lampião, formavam-se grupos de dois ou três, espalhados, não longe uns dos outros.

Assim, difícil o aniquilamento sob um ataque de surpresa.

Em desde Maria Bonita, quando o cangaço foi aberto às mulheres, essas normas se tornaram mais severas, principalmente quanto aos casais.

Nenhuma promiscuidade.

A moral era rigorosíssima!

## **O começo**

Quando ele se apresentou era moço ainda, mas de cenho fechado no apardavasco da pele e com ar de espanto. No antes, porém, era "menino saído". De família humilde, mas honrada, vivendo dos roçados e de umas poucas de criações, além da vaquinha amojada com bezerrinho, e do cavalo de fazer feira. Os irmãos, antes e depois dele, não vingaram sequer um mês. Apenas lhe fazia par a irmãzinha, mais nova do que ele, então na adolescência. Um dia, desses que surgem repetindo a mesma história, um triste acontecido virou o juízo e a pacatez do moço. Na ocasião em que a menina se achava sozinha em casa, veio, sorrateiro, um tarado



soldado da polícia e boliu com ela, à força. Acobertado pela farda e pela justiça, nem um padrenosso teve de penitência, continuando nas suas funções e maldades. Pouco depois, o irmão vingava a honra da família, esfaqueando o miserável cujo nos braços de u'a mulher separada. Agora sim, a justiça enxergou e descobriu o criminoso - ele! E dos piores, porque matara uma "autoridade"! Caçado pela polícia, foi recebido por Lampião, que lhe trocou o nome por um de guerra - Paturi, a fim de evitar perseguições à sua família e forjou-o cangaceiro de sua confiança.

## **O relato**

Eis o seu depoimento, aliás muito cru, tomado naqueles idos de 1942, quatro anos da morte de Lampião fazendo. Foram eliminadas repetições inúteis e digressões supérfluas. O linguajar, fonético e sintático, corrigido, deixa, entretanto, transparecer, raramente entre aspas, palavras e expressões comuns no sertão.

Pausadamente e, por vezes, angustiado, assim falou:

"Naquela derradeira noite do Capitão, eu fui escolhido para sentinela-do-sono. Tarde da noite, o Capitão e Maria Bonita, que

estavam nas melodias, assopraram o candeeiro para dormir. Noite fria, serenando, estiando, serenando, assim...

Quando foi de madrugada, ainda escuro, Maria Bonita saiu da barraca, acendeu o fogo para ferver água na panela de barro. Botou dentro pó de café e pequenos tacos de rapadura.

Logo o Capitão apareceu, de manga de camisa, escovando os dentes, de junto de uma pedra grande defronte da barraca. Alguns cangaceiros foram se achegando, sem armas, caneco na mão, para o café ali fumagando. Devia começar primeiro pelo Capitão, era o chefe. Ele encheu o caneco e bebeu ligeiro, sem carne assada e farinha, sem nada, puro. Adespois os outros foram fazendo o mesmo. A gente tinha de viajar logo.

### *A hora do café...*

De repente, o Capitão soltou o caneco no chão. Parece que sentiu gastura, porque passou a mão rodando pela barriga. Deu uns passos largos, sem prumo e caiu na rede ainda armada na barraca. Deitou só o corpo, as pernas caídas do lado de fora. Eu ajutorando Maria Bonita a juntar os troços, que a gente ia sair cedo, vi tudo. Ela se queixava de dor de cabeça e os beijos

queimando. Dizia que foi adepois que 'exprementou' o café para ver se estava bom de doce, um tiquinho de nada molhado e 'ponido' na palma da mão para lambar. Aí, eu avisei a Maria Bonita. Ela, deixando a bacia, correu para ver. Eu corri também. Chegou logo Luís Pedro e Vila Nova. Num instante, o Capitão virou a bola do olho para riba, ficando só o branco, e abriu a boca. Uma gosma suja, com espuma, saía escorrendo do canto da boca. Luís Pedro olhou o pulso e o coração e disse: - 'Tá morto!' Chorando, ele tapou com as mãos os olhos do Capitão e apanhou o chapéu dele. Aí eu disse: - 'É veneno!' Maria Bonita, aperriada, sacudiu a cabeça dele e os ombros. E ele sem ação, morto de mesmo. Tive, na hora, o maior desgosto de minha vida, os olhos chorando. Maria Bonita, coitadinha!, toda agitada e desesperada, gritou: - 'Virgulino morreu!' Eu gritei repetido: - 'O Capitão morreu! O Capitão morreu!' Mergulhão, que estava deitado no pé da caraibeira, levantou-se todo espantado e perguntou alto: - 'O Capitão morreu?' Aí eu vi logo cangaceiros cair ali, de todo jeito, para frente, para trás, para os lados, de de junto da panela de café. Maginei comigo mesmo: - 'O veneno era forte que era danado!' Eu acho que algum macaco da volante emboscada, com os gritos e os mexidos no coito, passou fogo em Amoroso. Ele tinha ido ver água talvez para o Capitão banhar o rosto.

E quaje igual, outro tiro, que pegou Mergulhão. Atrás veio logo uma trovoadas de bala! Aquele despotismo que nem deu tempo mais de pensar! Aí era o causo de se salve quem puder, como diz o outro. Assim de surpresa, bala para todo lado e naquele cafus, como era que a gente podia tomar posição e brigar? Aí me soquei dentro de um buraco comprido e baixo, que eu sabia.

### ***Lampião***

Ficava no pé do morro, 'próximo' da gruta e atrás da barraca do Capitão. O buraco só dava para caber o corpo pragatado, a barriga no chão, sem poder se virar mais, muito apertado. Na frente tinha moita de mato tapando. Fiquei aí, os braços incomodados, não tinha posição para botar eles. Mesmo querendo, eu não podia sair dali. Do lado de fora era bala por todo canto zinindo. Adespois, as pernas ficaram 'drumentes', moles, bambas só mulambo. Fiquei sem mexer. Mexia só os olhos e o baticum do coração. O resto estava morto.

Vi a hora das balas me pegarem. Deixa que chegaram a açoitar a moita. Foi Deus e a Santíssima Virgem que me livraram. Dali de bem de riba, eu fiquei pombeando tudo pela brecha que fiz na moita,

O horror era grande! As balas vinha de magote. Foi torada de bala a rede do Capitão, que caiu com todo o peso no chão. O pano da coberta da barraca avoou, ficando só as varas. Vi Mergulhão cair. Adespois foi Maria Bonita caindo, as mãos cheias de sangue apertando a barriga. Luís Pedro deu uns tiros, mais arriou logo. Vila Nova correu. Não deu tempo de ninguém brigar. Não teve 'loita', não. Possa ser que mais algum cabra de lá de riba do riacho desse besteira de tiro, sem palpite, à-toa. A gente e o riacho todinho se acabando na bala. Não posso dizer nem o que foi. Era a confusão do inferno! Mas, não demorou muito tempo, não. Foi ligeiro, ligeiro... coisa de meia hora.

Quando tudo parou de atirar, começou a chegar macaco de todo lado, quer dizer, de riba do alto das Perdidas e beirando o pé da Imburana, passando 'dadonde' eu estava, coisa de duas braças. Eles vinham se achegando devagar, com medo. Um volante, sem ser alto, caboclo forte, mancando da perna, desceu das Perdidas. Parecia o comandante, porque dava ordens. Mais tarde, já livre dali, eu soube que era o tenente João Bezerra. Junto com ele caminhavam três macacos, deviam ser ordenanças. Alguns macacos subiram um pouco o riacho, disparando a espingarda nos matos para espantar se tinha gente. O comandante foi direto para a barraca do

Capitão, como que determinado e sabendo. Eu vi quando ele cascavilhou os troços e pegou o papo-de-ema e a mochila com cinco quilos de ouro que o Capitão ia mandar para sua filha. Me arrependo ainda não ter pegado aquelas coisas, também na hora nem me alembrei. Os macacos, quinem urubus, deram em riba dos cangaceiros caídos, atrás do saqueio de dinheiro, ouros, jóias, outras coisas mais. Não tinham paciência de tirar os anéis dos dedos, cortavam logo os dedos. Sentado numa pedra, o comandante deu a ordem: - 'Cortem as cabeças dos cangaceiros!' Aí foi um alvoroço, todo o mundo gritando: - 'Cortar as cabeças!... Cortar as cabeças!...' Não sei como não morri vendo aquele horror! Parecia um bando de bicho do mato, de feras selvagens, dando gargalhadas e chamando toda nação de nome feio. Levantavam as cabeças dos mortos, segurando pelos cabelos, botavam o pescoço escanchado numa pedra - ficava uma coisa feia: a boca escancarada, os olhos arregalados! - e metiam o facão. Um macaco furando, furando, de pedacinho, com a ponta da faca no redor do pescoço de um cabra até separar do corpo. Outro rolou o facão no pescoço e, quando puxou a cabeça, saiu a guela de dentro do corpo. Foi u'a mangação danada! Nenhuma cabeça era cortada de uma só vez. Davam mais de um golpe.



Vi uma coisa horrível, que nunca um cangaceiro fez e só bicho faz: os macacos lamberem o sangue da folha do facão melado! A cabeça cortada era levantada pelo cabelo e mostrada, todos dando risada de gosto, mangando e dizendo nomes feios. Tinha cangaceiro meio vivo, mexendo os olhos e falando. Cortaram assim mesmo a cabeça deles com vida! A sangreira era medonha! Tudo melado: macaco, facão, pedra, chão, água, roupa, 'tudim'. Eu vi tudo, já era dia claro, de dia. Naquele meio, veio a ordem do comandante para acabar depressa. Ele estava sentado numa pedra, o pé amarrado, e muito zangado, acho que era de dor.

Eu tive dó quando um macaco levantou a cabeça de Maria Bonita, dependurada pelos cabelos compridos. O outro macaco, que tinha o facão na mão, perguntou meio espantado: - 'Inda tá viva, bandida? Cadê o dinheiro?' Ela respondeu bem fraquinho: - 'Não tenho, não'. - 'Então, lá vai...' E cortou o pescoço dela com duas 'facãozadas'. O corpo ficou batendo no chão como de galinha sangrada, e as pernas se descobrindo. Aí eles arregaçaram a saia dela para espiar o resto e começaram a bolir com as mãos, dizendo lérias.

Tive tanta raiva que veio vontade de sair e avançar naqueles dois sujeitos safados, desculpe a má palavra. Chegou a vez do Capitão. Um macaco conheceu e disse: - 'É o peste do cego!'

Danou uma coronhada de fuzil na cabeça e foi avisar o comandante. O outro ficou cortando o pescoço do Capitão em riba de uma pedra. Quando acabou, a cabeça escorregou e rolou pela ladeira da pedra até o chão. Ele pegou ela e levou para mostrar ao comandante, que ficou cercado de macaco examinando e falando.

Tudo acabado, botaram as cabeças em três sacos, as bocas amarradas num pau. Sim, botaram, também, um corpo com cabeça dentro de uma rede dependurada noutro pau. Tudo mode ser carregado, nos ombros de dois. Adespois os macacos foram se lavar nas poças mais de riba, de água limpa. Começaram a ir embora. O comandante numa cadeirinha feita dos braços de dois macacos. Levaram todo o saque. Foram subindo, um atrás do outro, feito formiga, pelo caminho do alto das Perdidas.

Fiquei ali deitado o dia todo. A cabeça zoava todinha, o corpo doía, quem tinha apanhado uma pisa de cacete. Faltei coragem para sair dali. Eu via macaco pulando até pelos galhos mais altos dos pés-de-pau. Não tinha fome, não. Mas a sede era de matar, aperriando. Senti uma agonia doida. Mas, esperei, esperei... O silêncio muito grande. Os passarinhos assustados não voltaram mais. Fechava os olhos e enterrava a cara no chão com medo de ver as almas daqueles defuntos aparecerem sem cabeça. Fiquei tão

assombrado que sentia algumas vezes o gume do facão passar no meu pescoço. Rezei tanto a Nossa Senhora do Desterro que cheguei a suar de pingar. Tardinha, fui saindo com medo de assombração e de tudo. Caminhava de quatro pés, não podia ficar de pé causo das pernas feito molambo e tremendo. Eu queria ficar fora da vista daquele açougue de carne de cristão. Subindo o riacho cheguei no dependo do alto, os joelhos esfolados. Me aprumei, fui andando, assim cambaleando, areado, até poder sair correndo, ligeiro ou devagar, a noite inteirinha, até chegar na casa de meus pais. Tava mais morto do que vivo.

Passei aquele dia deitado tomando tudo o que era de meizinha que minha mãe preparava e me dava. Comida de panela comi bem pouquinho. De noite, já no outro dia, meu pai me levou para casa de um tio meu, viúvo, que morava sozinho, lugar mais seguro, um esquisito. Estou lá este tempo todim, fazendo planta, dando limpa, xaxando terra nos pés, colhendo legume e capucho de algodão. Também no cuido das criações. Sem sair pra nenhum lugar. Somente agora saí praqui causo minha mãe mandou pedir perdão a Deus. Adespois desta conversa eu quero que seu vigário escute meus pecados na confissão e me comungue na missa".

## O fim

Satisfazendo a curiosidade do leitor: Esse moço, que escapara da morte para contar a história, logo depois, feito embarcadicho de um vapor do rio São Francisco, rumou para o Sul, sem documentos, de nome novamente trocado, para começar nova vida. E desapareceu...

No local onde Lampião caiu morto, o capitão João Bezerra fez erguer uma grande cruz latina, de ferro, com três metros de tamanho, hastes binadas, cravada em peanha natural, de pedra.

Seu autor teve uma concepção original, que tornou a cruz única no gênero.

Mandou colocar duas estreitas barras de ferro unindo as extremidades de cada braço ao topo da haste vertical, formando assim dois triângulos-retângulos, em cujas hipotenusas foram levantadas dez pequenas cruces, também de ferro, com o nome dos companheiros de Lampião mortos com ele, e distribuídas, a começar do topo, na seguinte ordem: do lado esquerdo - Maria Bonita, Elétrico, Mergulhão, Desconhecido (depois se descobriu tratar-se de Mangueira), Diferente (este fugiu; o morto era Moeda); do lado direito - Luís Pedro, Quinta-Feira, Cajarana, Caixa-de-Fósforo, Enedina.

## **Particularidades interessantes e coincidentes:**

- a cruz de Maria Bonita fica à esquerda - o lado do coração!

- a de Luís Pedro, à direita - o lado da confiança!

A inscrição reza\* assim: - **"Aqui jaz o Rei do Cangaço, Capitão Lampião, com dez companheiros. Combate a 28 de julho de 1938. Lembrança do capitão João Bezerra. Colocação da cruz em 30 de outubro de 1961"**. \*Foi retirada e encontra-se hoje no Memorial do Cangaço em Aracaju.

A essa inscrição poderia aquele oficial acrescentar as palavras suas, ditadas, anos mais tarde, pela análise sincera e pelo critério sereno e honesto de seu espírito amadurecido a respeito do Rei do Cangaço:

*Tenente João Bezerra: **"Se ele (Lampião) fosse vivo hoje, eu não permitiria que ninguém encostasse o dedo nele. Hoje eu não acho que ele era bandido"**.*

***"Ainda se ouvem os gritos do seu feroz combater, na toada das rendeiras, na voz***

***do cego das feiras, o peito quente do povo espera o seu renascer"***

**(Cancioneiro de Lampião).**

Lampião morreu... Ficou ali sua cruz de ferro.  
Cruz simbólica e significativa de uma Época no  
Tempo... de um Rei no Reinado do Sertão!  
Cruz eternamente solitária de um Homem.

- mito e legenda -

- força telúrica e épica -

surgido das estranhas profecias do  
Conselheiro e em cujo peito de ferro foi  
fincada a Fé e confiado um Destino!...

**Lampião e Maria Bonita**

Lá ia ela, ao lado do Capitão, caminhando ou a galope, sempre bela, coleante, amorosa e redondinha. Orgulhosa como um pavão a ombrear com o macho temível. Sorrindo sempre, mesmo na hora de praticar amor.

E sempre seguida de perto por um cachorro negro e comprido que o Capitão lhe dera de presente, o Zé Rufino, nome com que a bonita Maria batizara o animal, em debochada homenagem ao sanguinário e destemido comandante de polícia José Rufino, que estava constantemente nos calcanhares dos dois amantes famígeros.



*Depois do bando de Lampião assassinado pela volante alagoana do Tenente João Bezerra a 28 de julho de 1938, expostos na escadaria na Prefeitura de Piranhas, Alagoas, em composição atribuída a Lisboa.*

**“Corisco-Herdeiro e vingador de Lampião”**

...Corisco levou dois dedos à boca, tirou um som curto; ao ouvi-lo, os cabras invadiram a varanda. Foi um terremoto. No meio do barulho que faziam esses homens sedentos de vingança, ouviu-se a voz de Corisco: Matem todos! Então, foi um verdadeiro inferno: uma calamidade. As facas reluziram à luz dos lampiões. Só escapou o delator, por que tinha fugido para Alagoas. A varanda estava juncada de corpos e o sangue continuava a correr. Depois, os cabras partiram... (Provavelmente o autor está se referido ao massacre da família do vaqueiro Domingos Ventura.

– Acesse o relato gravado na Fazenda Patos em <https://www.youtube.com/watch?v=art2-i2lXvs>

## **POESIA**

**M**enina vou te contar  
A história de um cangaceiro,  
bicho bom do pé ligeiro,  
lobisomem do sertão.  
Comia moça donzela,

*reparava a injustiça,  
estrangulava macaco  
por crime de traição,  
entrava nos povoados  
e deixava em petição  
de miséria o prepotente  
vergado na punição.*

*Desocupado, erradio,  
vagueou como um papão,  
por muitos anos a fio  
não buscou a salvação,  
tinha grande protetor,  
o padre Cícero Romão,  
no lugar onde chegava  
era vigário e juiz,  
amancebado casava  
e livrava o infeliz  
que nas grades da cadeia  
vivia curtindo peia,  
delegado de polícia  
escapava por um triz.*

*Nos doze pares de França  
foi buscar inspiração,  
seu chapéu era igualzinho  
ao do rei Napoleão,  
o imperador Carlos Magno  
houvera de ter paixão,  
valente como Olivério,  
brigava como Roldão,  
dos tempos mais recuados,*

*só Osório e Cipião  
podiam ser comparados  
ao guerreiro Lampião.*

*Nestes autos vou narrar  
a vida de Lampião,  
quem tiver oíças, escute  
e faça do coração  
a via do entendimento,  
pois nada vale a razão,  
sangue e terra se misturam  
em perpétua comunhão,  
na linguagem do mistério  
dou a minha tradução,  
o demônio sobrevive  
no descendente de Adão,  
quem de si não o afugenta  
apodrece na prisão,  
o homem não nasce bom,  
já nasce na expiação,  
se o anjo prevalecesse  
já teria morto o Cão.*

*Nertan Macêdo*

***Humanus***

***Uma Revista feita com o  
amor de Maria Bonita e a  
coragem de Lampião***

*Extraído do Anuário Cultural Humanus VII - Edição  
Lampião*

**Comentários**

comentário

01/03/2011 22:38

heraldoferraz\_2010@hotmail.com

Realmente o Sentinela do Sono, fez rever uma história de um empregado meu, nos anos de 1977 quando tinha padaria na cidade do Ipojuca. Ele seu Manoel Pereira da Silva ou, seu Flôr, a maneira como todos gostaria que o chama-se. Era um senhor de 62 anos, trabalhava de mestre padeiro, ofício esse, aprendido em um povoado da cidade de Sergipe segundo ele. Ele conta que pertenceu ao bando de Lampião, a quem trata em todo seu enredo, de "Capitão". Pós bem! falava que encontrava-se em angico naquele amanhecer do dia trágico e falou desse envenenamento e do apelido (não lembro) daquela noite escolhido pelo capitão, tinha que ser sempre, homem de sua confiança, dizia Tonho. Tenho certeza absoluta que aquele velho dizia a verdade, tivemos junto por mais de cinco anos até entregar a padaria que era alugada. Um dia ao chegar em casa, minha senhora tremendo pediu-me, para todos os dias eu levar para seu Flôr o almoço dele, pois ao acorda-lo, disse ela, ele deu grito e no pé só, girou com uma faca no ar e por pouco mesmo, minha senhora não foi furada segundo os trabalhadores que assistiram a tal cena. O que estou narrando passou comigo nos anos de 1977, logo que sai do Ipojuca, para assumir mais duas padaria

sendo uma em Ponte dos Carvalho e outra em Pontezinha distrito do Cabo de Santo Agostinho. Pouco anos depois, tomei conhecimento que seu Flôr, tinha ido visitar um colega do ramo e na volta foi atropelado por um caminhão tendo morte instantânea. triste sina.



AQUI eu documento uma postagem de meu artigo **LAMPIÃO - Foi veneno ou não?** no grupo de estudos **HISTORIOGRAFIA DO CANGAÇO** feita no Facebook e o debate de confrades e confreiras sobre o tema.

Postado por Raul Meneleu às 04:38:00 Links para esta postagem  
Enviar por e-mail BlogThis! Compartilhar no Twitter Compartilhar no Facebook Compartilhar com o Pinterest

**terça-feira, 9 de agosto de 2016**

## **LAMPIÃO - Foi veneno ou não? DEBATE VIRTUAL:**

**Lampião: O Capitão do sertão! - Foi ou não foi veneno?**

*A* hipótese do envenenamento existe e não podemos deixar de levar em conta as afirmativas e suposições de alguns pesquisadores e curiosos pelo tema cangaço. Alguns dizem que o coiteiro Pedro Cândido era homem de confiança de Lampião e poderia ter levado bebidas com veneno ou soníferos, outros que tinha o coiteiro levado pães envenenados. Esses argumentos, dizem, podem ser constatados pela morte de urubus após terem comido as vísceras dos cangaceiros e também por quase não ter havido reação do bando.



O assunto é bastante controverso e merece que tenhamos a mente aberta para os prós e contras da teoria. Eis um bom e interessante debate que merece ser lido, e que se deu na home-page do grupo público HISTORIOGRAFIA DO CANGAÇO no Facebook.

## Postagem de Geziel Moura

Curtir · Responder · 1 · Ontem às 14:58



Provavelmente, a tese que mais divide pesquisadores, leitores, escritores e simpatizantes, da historiografia do cangaço, é a do envenenamento em Angico. Penso que o primeiro personagem, que levantou esta bandeira, foi o policial, advogado e político pernambucano, Wandenkolk Wanderley. Wandenkolk participou de comitiva, que esteve naquele coito, inclusive ajudou a enterrar os corpos dos cangaceiros tombados, em julho de 1938.

Em plena efervescência, para o sepultamento das cabeças dos cangaceiros, do Nina



Rodrigues, em 1959, ele apareceu no Diário de Pernambuco de 26 de abril, daquele ano, defendendo sua tese, o que suscitou na defesa de João Bezerra, no mesmo periódico, e edição de 07 de junho de 1959. (FOTOS ABAIXO)

## COMENTÁRIOS:

**Noádia Costa** Nossa e João Bezerra ainda disse que envenenaria Lampião com o maior prazer.

**Geziel Moura** achei o cabra bem coerente.

**Noádia Costa** Sim, foi sincero.

**Geziel Moura** é disso que falo...

**Noádia Costa** Não teve medo de colocar a cara pra tapa. Muito bem resolvido.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Noadia Noádia Costa nosso brilhante pesquisador Leandro Cardoso magistralmente, e com muita competência, no ultimo dia do Cariri Cangaço em Piranhas, deu uma verdadeira aula de conhecimento técnico sobre a tese do envenenamento em Angicos, contradizendo, e não deixando espaço para dúvidas. No entanto cada um é livre para acreditar ou não. Respeito opiniões contrárias, desde que convincentes!

**Noádia Costa** Maravilha. Eu particularmente não acredito na tese do envenenamento. Mais respeito a opinião de quem acredita.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Exatamente!

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Leandro Cardoso é médico, portanto com gabarito suficiente para falar de mortes por envenenamentos.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Entre outras coisas, ele descartou a presença de urubus mortos no local das mortes.

**Noádia Costa** Em relação aos urubus, já ouvi dizer que os que morreram foi por causa da criolina que foi colocada nos corpos para evitar o mau cheiro.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Noadia Noádia Costa Leandro Cardoso descartou. Segundo o mesmo, creolina e cal não matam urubus. Na verdade urubus mortos ã existiram na cena das mortes.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** A história da presença de urubus surgiu 20 anos depois.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** E hoje em dia dizer que não existiu urubus mortos é quase um sacrilégio. É comprar briga.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Mas a verdade é muito mais simples; Eles ã existiram. Pode até ser

verdade que realmente tenham jogado creolina e cal nos corpos, mas nenhum urubu morreu.  
Curtir · Responder · Ontem às 15:41 · Editado

**Danilo David Carvalho** POXA, ELE ESTEVE LÁ NOS DIAS QUE PRECEDERAM 28/07/1938? E VIU OS CORPOS? ELE AJUDOU A ENTERRAR OS RESTOS MORTAIS QUE ESTAVAM LÁ?

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Como assim?

**Franci Mary Carvalho Oliveira** De quem o amigo está falando?

**Franci Mary Carvalho Oliveira** As informações das pesquisas foram feitas em depoimentos de pessoas que precederam 28/07/1938, que viram os corpos e ajudaram a enterrar os corpos.

**Danilo David Carvalho** E ENTRE ESSAS PESSOAS ESTAVA WANDENKOLK

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Não sei te responder. Não li sobre o mesmo.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** A presença de urubus na cena das mortes surgiu mais de 20 anos depois. Foi uma maneira de sustentar a tese de envenenamento.

**Verlucce Ferraz** Será que urubus comendo algo encenado sobreviveriam? Tenho minhas dúvidas. ... Se houve envenenamento ou não teriam que provar

através de exames - essa de ficar "um diz, outro nega" é que deixa qualquer um com a mosca atrás da orelha. ...

**Verlucce Ferraz** Leia - se acima: envenenado, ao invés de encenado.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Segundo Leandro Cardoso, baseado em pesquisas e depoimentos, não existiu urubus mortos por creolina, e muitos menos por venenos.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Penso eu, que os urubus apareceram, comeram os cadáveres mas não morreram.

**Verlucce Ferraz** Eu questionei se urubus comendo gente (ou qualquer outro animal encenado ) não morreria -?

**Verlucce Ferraz** Não dá para deixar de questionar coisa óbvia! Eu não sou adepta do "achismo" - tem que ser resposta convincente -

**Verlucce Ferraz** Leia acima 'envenenado ' - ao invés de encenado.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Eu falei do resultado de pesquisas e não do que acho. Mas eu errei ao dizer "penso eu" corrijo afirmando com certeza que houve muitos urubus comendo os cadáveres dos cangaceiros mortos em Angicos.

**Danilo David Carvalho** VC DIZ ISSO PQ Ñ LEU O LIVRO DE AGLAE DE LIMA LAMPIÃO CANGAÇO E NORDESTE, ENTRE OUTROS DEPOIMENTOS DE VOLANTES

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Danilo David Carvalho eu conheço seu pensamento sobre a tese de envenenamento, e respeito muito. Sim já li o livro da Aglae Lima sobre esse assunto. Porém não me convenceram. Eu até gostaria de ser convencida sobre essa tese, mas não tenho dúvidas. Não houve veneno em Angicos. Houve muitas balas e cangaceiros pegos de surpresas.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Verluce Ferraz segundo Dr. Laeandro Cardoso não existiram urubus mortos em Angicos. Se urubus comendo cadáveres envenenados morrem, eu francamente não sei te responder.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Entretanto, reafirmo, respeito as opiniões contrárias.

**Verluce Ferraz** No meus parvos entendimentos só quem quem poderia afirmar alguma coisa do tipo seria o Instituto tá Nina Rodrigues - e somente ele estaria habilitado a responder a questão por ser local no qual ficaram as cabeças dos cangaceiros e por ser espaço onde se faz estudos científicos - o resto é só especulação.

**Verluce Ferraz** "LEIA- PARCOS - No texto acima.

**Verlucce Ferraz** Oi, Franci, é claro que não estamos aptas a responder pois nem éramos nascidas -mas podemos ver quanta conversa tem sem fundamento - há de concordar comigo - é um disse - me disse e nada confirmado. ...

**Danilo David Carvalho** E SE CONVINCEU QUE Ñ HOUVE URUBUS MORTOS ?

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Danilo David Carvalho testemunhas que tiveram no local afirmaram que ñ existiu a história de urubus mortos. Essa história de urubus mortos surgiu alguns anos depois.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Testemunhas essas, pesquisadas e entrevistadas por Dr Amaury Correia

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Dr Leandro Cardoso afirmou que creolina e cal não causa mortes de urubus.

**Danilo David Carvalho** ESSA EXPERIENCIA EU JÁ FIZ VARIAS VEZES, OS URUBUS NEM COMERAM

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Não morrem.

**Verlucce Ferraz** E quem afirmou que o veneno foi creolina e sal? O dr. Leandro Cardoso é médico legista? E participou dos trabalhos no Instituto Nina Rodrigues? Teve acesso ao laudo?

**Verlucce Ferraz** Cal tem função de envenenar ?

**Verlucce Ferraz** Quem é o Dr Amaury Correia? Ainda vive?

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Não sei quem afirmou que creolina e cal foi veneno. Desconheço essa informação.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Dr Amaury Correia é o maior pesquisador do cangaço, e ainda vive.

**Verlucce Ferraz** Cada hora a coisa fica mais interessante - e ninguém convence porque não dá.

**Verlucce Ferraz** Como médico tem que mostrar os laudos - o dr. Amaury Correia - no mínimo informar a fonte e onde possamos ter acesso - pode até publicar o laudo.

**Verlucce Ferraz** Esperava que tivessem utilizado outro tipo de veneno, tipo , arsênico, sicuta, etc.

**Danilo David Carvalho** Verlucce Ferraz , O CAL REFERIDO É O CAL VIRGEM, QUE JÁ ERA USADO DESDE OS TEMPO DE CRISTO, SEGUNDO J J BENITEZ, OPERAÇÃO CAVALO DE TROIA 1

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Danilo David Carvalho esse livro é excelente!

**Danilo David Carvalho** CONCORDO COM VC EM NÚMEROS E GRAU



**Geziel Moura** Para mim, a pergunta chave não é se Lampião foi envenenado ou não em Angico, mas que condições favoreceram o aparecimento desse discurso, e o que ele produziu, a partir disso.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** A dificuldade nossa é entender, e aceitar que uma verdadeira lenda viva tenha morrido de um jeito tão fácil. Fácil entre aspas, pois só quem participou do combate naquela madrugada gelada, sabe que de fácil ã teve nada. Passar a noite vigiando o coito, acordado, com medo... para tentar surpreender os cangaceiros logo cedo, não foi nada fácil.

**Noádia Costa** Ainda hoje existem os que acreditam que Lampião não morreu. O que fez com que surgisse até livro sustentando essa tese. Eu particularmente acredito que o reinado de Lampião findou em Angicos.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Não tenho dúvidas!

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Esse discurso surgiu para enfraquecer a Vitória de João Bezerra.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** A partir disso, o ato heroico passou a ser questionado. Entretanto, até hoje, nada ficou comprovado.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Como Lampião, já mesmo antes de sua morte, era visto como um mito, e reconhecido no imaginário popular como invencível, foi fácil encontrar apoio para tese do

envenenamento ou mesmo para uma fuga. Muitos acreditam que Lampião não morreu em Angicos. Essa crença é muito forte. Mas sem nenhum respaldo entre os grandes pesquisadores do tema.

**Geziel Moura** Desde 1953 existia movimentos da família Ferreira, e depois dos Bulhões, contra a exposição no Nina, tal movimento, criou corpo em 1959, na imprensa do nordeste e do Brasil. Vejam que Wandenkolk aparece com sua hipótese, dentro de outro debate, é visí...Ver mais

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Veja que a data de 1959, teremos mais ou menos um espaço de 20 anos.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Esse espaço de 20 anos é sobre o aparecimento dos urubus em Angicos após as mortes.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Sobre a tese do envenenamento, não sei quando começou a ser cogitada.

**Geziel Moura** Minha hipótese é que o discurso do envenenamento, subjetiva a partir de 1959, e aliada a suposta morte por traição, temos uma exposição sádica e desumana, e que vai forjar outras formas de visibilidade do cangaço, nos anos seguintes...inclusive com os cangaceiros sendo reféns de um sistema opressor (história marxista). Os discursos sempre eles.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** É uma hipótese com bastante coerência.

**Raul Meneleu Mascarenhas** Um dos livros indicados por Joaquim Câmara Ferreira, líder dirigente do Partido Comunista Brasileiro, ao famoso guerrilheiro Marighella, era o livro "As táticas de guerra dos cangaceiros" de Christina Matta Machado.

Marighella admirava o homem que tinha lutado em seis estados nordestinos e que as táticas de colunas móveis, elaboradas por Lampião, tinha resistido por quase 20 anos."

"Temos que ser como Lampião", repetia o guerrilheiro.

Marighella - O Guerrilheiro que Incendiou o Mundo - Mário Magalhães - pág. 396

Agora quem quis por essa ótica de pseudo esquerdista, foi a organização de esquerda Internacional Socialista. Ela tentou por sobre Lampião a ótica da guerrilha. (A Era dos Extremos pág. 85 - Eric Hobsbawn)

**Geziel Moura** Precisávamos de um herói do povo...vale lembrar, que o sepultamento das cabeças, ocorreu em fevereiro de 1969, em plena ditadura militar, tínhamos que fabricar um Pancho Villa, Emiliano Zapata ou quem sabe Ernest Che Guevara, na falta destes, fomos de Lampião.

**Verlucce Ferraz** Tem que compreender o significado de herói - entender de ato heróico - para depois afirmar que alguém é merecedor de receber tal honra.

**Geziel Moura** Desculpe-me não entendi sua proposição....lembro que eu estava usando de alegoria, no texto acima, para discutir uma perspectiva.

**Danilo David Carvalho** PRIMEIRAMENTE, EM 1938 ELE AINDA ERA ACADÊMICO, NEM AINDA ERA POLICIAL E NEM POLITICO...

**Geziel Moura** E?

**Danilo David Carvalho** VC LEU O DEPOIMENTO DE MANÉ NETO SOBRE A MORTE DE LAMPIÃO ?

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Eu sei o que os nazarenos falaram.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Danilo David Carvalho veja, eu iniciei os comentários falando de uma palestra realizada no ultimo cariri cangaço em Piranhas - AL, onde esse tema foi falado.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Respeito a opinião de todos. Mas por enquanto, não tenho dúvidas nenhuma. Não houve venenos em Angicos.

**Danilo David Carvalho** ACHEI ALGO, AINDA Ñ É O QUE EU QUERO, MAS DA PRO COMEÇO: 3.

Pouco tempo antes de Angico havia João Bezerra afirmado a Mane Neto que iria exterminar Lampião a veneno. Pondo de lado o despeito de Mane Neto em não ter podido jamais matar nenhum dos irmãos Ferreiras, os quais, ao contrário, lhe mataram quinze nazarenos, sendo nove familiares, o certo é que, na polêmica mantida na imprensa entre esses dois oficiais, terminou João Bezerra confirmando que "nenhum governo estipulou a espécie de morte que seria aplicada a Lampião". Depois veio ele querendo escamotear dizendo: - "Envenenar Lampião teria sido um prazer, se tivesse tido essa grande oportunidade!"

4. PEDRO CÂNDIDO esteve badalando que botou veneno (Cf. Adendo II).

5. O cangaceiro Zé Sereno, em entrevista ao Correio da manhã, do Rio de Janeiro, a 28 de julho de 1971, caderno Anexo, recordando a tragédia de Angico, assim se exprime: - "O, coiteiro (Pedro Cândido) chegou com os alimentos envenenados a mando da volante, menos três litros de pinga que, normalmente, ele próprio, o coiteiro, deveria ingerir em pequenas doses para provar sua confiança (...) minha suspeita com Pedro de Cândido confirmou-se depois que ele se foi (...) Apanhei um LITRO DE VERMUTE Cinzano e notei um pequeno buraco na rolha, provavelmente feito por uma seringa. Chamei Lampião e disse-lhe:

- "O SENHOR É CEGO DE UM OLHO, MAS PODE VER QUE ESTA BEBIDA ESTÁ ENVENENADA".

6. Padre José Kehrle ouviu o SOLDADO VICENTE,

integrante da volante de Angico, afirmar - "Até com juramento!" - que Lampião fora envenenado.

7. José Francisco do Nascimento, vulgo ZEZINHO BARBA AZUL, casado em Catende, PE, donde é natural, atualmente residindo em Caruaru. Origem curiosa de seu apelido: deixou a mulher que prevaricara e foi arranjanado outras até completar o número de seis, incluindo a esposa. Com o caso da perda da esposa, perdera também o medo do que quer que seja e adquiriu a tal coragem motivada pelo estado de desespero em que ficara. Em certas ocasiões, chegou a brigar com Lampião perto, enquanto seus "colegas de farda se mijavam de medo"! Afirmando enfim, "com toda a certeza", que Lampião não foi morto a bala.

8. O coronel SENHORZINHO ALENCAR, após ouvir minucioso relato de um ex-volante de Angico e de examinar cuidadosamente o fato, declarou de público: - "Acredito firmemente na hipótese do envenenamento de Lampião".

9. O tenente ANICETO RODRIGUES, um dos principais componentes da Tragédia de Angico, igualmente levantou suspeição (daí por que João Bezerra omite seu nome no livro Como dei cabo de Lampião).

10. O coronel LUCENA, fugindo a um inquérito, que seria contundente, para decidir a questão, saiu-se com esta: - "É tarde demais!" (cf. mais adiant

FONTE: <http://meneleu.blogspot.com.br/.../lampiao-o-capitao-do...#!>

Caiçara dos Rios dos Ventos: Lampião: O Capitão do sertão! - Foi ou não foi veneno?

MENELEU.BLOGSPOT.COM|POR RAUL MENELEU

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Geziel Moura vc como o autor dessa postagem, por favor esclareça as dúvidas que estão surgindo.

**Geziel Moura** Bom....eu não faço juízo de valor, sobre como os cangaceiros morreram em Angico, esta questão de investigação é pouco ou nada relevante, para mim. Assim, existe diversas linhas de entendimento, pró e contra o envenenamento, isto já está cristalizado na...Ver mais

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Entendo.. Entretanto algumas perguntas surgiram, e se puderes intervir com outras informações seria ótimo.

**Verlucce Ferraz** Sendo assim qualquer um diz o que passa pela própria cabeça e surgem mil perninhas feito estória de Trancoso, para algo que aconteceu na nossa histórico - o assunto é sério e deve ser colocado com a mesma seriedade.

**Geziel Moura** Mesmo não sendo este o objetivo inicial da postagem, vou fazer o papel de “advogado do diabo”, isto é, o contraponto a lista



do Danilo...baseando-me, unicamente, na obra “Lampião, entre a espada e a lei” de Sérgio Dantas, esta já dá para o gasto, por o...Ver mais

**Verluc Ferraz** Um caso de envelhecimento pode ser provado através de laudo médico.

**Danilo David Carvalho** MEU AMIGO Geziel Moura, ESTOU PROCURANDO UMA REPORTAGEM DE UM CAPITÃO MEDICO DA MARINHA QUE DIZ NO LAUDO DELE QUE LAMPIÃO FOI ENVENENADO

**Verluc Ferraz** Quero compartilhar o laudo médico - Danilo David Carvalho , dá para publicar? Abraços.

**Danilo David Carvalho** EU DISSE ESTOU PROCURANDO!

**Verluc Ferraz** Há de encontrar e tirar tantas dúvidas, caro Danilo David Carvalho

**Verluc Ferraz** Talvez devêssemos procurar também no Instituto Nina Rodrigues ' - foi lá que estudaram as cabeças dos cangaceiros mortos na grota de Angico.

**Danilo David Carvalho** AMIGA Verluc Ferraz VC LEU <http://meneleu.blogspot.com.br/.../lampiao-o-capitao-do...#>!

Caicara dos Rios dos Ventos: Lampião: O Capitão do sertão! - Foi... (CLIQUE PARA IR AO ARTIGO)

**Geziel Moura** Lembro que os exames, pelo quais se submeteram, as cabeças dos cangaceiros, foram no campo da antropometria lombrosiana (no máximo) e não na toxicologia, aliás, tenho minhas dúvidas, se eles, em 1938, conseguiriam identificar venenos no corpo, afinal, acredito que não existia, um espectrômetro de massa no Nina, tecnologia utilizada em nossos dias, para tais identificações.

**Verlucé Ferraz** E é por isso que a história contada está sem nexos. Principalmente aqueles relatos de ex - cangaceiros. Mas tem surgido livros e mais livros com relatos infundados.

**Geziel Moura** O que me chamou atenção, na matéria do Diário de Pernambuco, sobre a tese do veneno, proposta por Wandenkolk, está na afirmação, deste, sobre a tipificação da droga, ele comentou assim: " Os soldados encontraram homens moribundos, morrendo sob efeito d...Ver mais

**Verlucé Ferraz** Eu também gostaria de saber sobre essa hipótese Geziel - vamos ver que vai matar nossas curiosidades.

**Danilo David Carvalho** E AS REAÇÃO TEM QUE SEGUIR TODO O QUADRO?,  
VÔMITOS,DIARREIAS E DEPOIS FALÊNCIA CARDÍACA

**Verlucé Ferraz** Estava pesquisando sobre o arsênico - mas também surgiram comentários que foi

envenenamento através de cal e creolina - em qualquer das hipóteses certamente os efeitos dos "venenos" são sempre de hemorragia interna, vomitos, diarreia, etc E a pergunta : os cangaceiros foram encontrados com vestígios desses tipo?

**Geziel Moura** Não....a única ingestão que tiveram, foi de chumbo mesmo.

**Verlucce Ferraz** Mais essa : Gesiel Moura! Primeiro foi cal com creolina, depois arsênico e agora chumbo !! Se bem que é metal pesado ( o chumbo) - é o laudo não aparece nunca kkkkkkk

**Geziel Moura** O cal ou creolina apareceu como substância, utilizado para afugentar os urubus em Angico, e não veneno para contaminar as bebidas dos cangaceiros, até pq tais substâncias, não se constituem em venenos. Quanto a metais pesados, só mesmo chumbo, das armas da policia.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Nunca ouvi falar que, caso tenha sido veneno a causa das mortes dos cangaceiros em Angicos, seria creolina e cal. De onde surgiu essa pergunta?

**Verlucce Ferraz** Também Geziel, acredito que vem de mentes criativas kkkk

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Nunca nem vi essa ideia ser cogitada por qualquer pessoa. As vezes até mesmo para perguntar precisamos ter um pouco de bom senso.

Curtir · Responder · 6 h

**Geziel Moura** Nesta postagem 😊😊

**Geziel Moura** Perfeitamente...O Vômito é o início das dores.

**Danilo David Carvalho** PENSEI QUE O EFEITO COLATERAL FOSSE DIFERENTE EM CADA CASO

**Geziel Moura** Estou acompanhando a ideia de Wandenkolk, outra coisa, se uma turma de pessoas, comerem uma pratada de buchada azeda, terão efeito muito diferentes? kkkkkkkk

**Danilo David Carvalho** VERDADE KKKKKKKKKKK

**Verlucce Ferraz** Kkkk Para nós leigos não faz diferença, mas para um médico legista faz diferença porque vai submeter o organismo à análise e através do sangue fica tudo esclarecido.

**Geziel Moura** Os legistas que tiveram acesso, tanto em Maceió como na capital do Brasil (Guanabara), não chegaram a conclusão alguma.

**Verlucce Ferraz** O que pode - se saber é que a análise é feita através de testes que identificam os tipos de tóxicos - através do sangue, das vísceras, da pele, etc e há como se identificar as substâncias (metais pesados, etc)

**Verlucce Ferraz** Mas os cangaceiros não foram examinados na Bahia? Pelo instituto de Medicina Nina Rodrigues?

**Verlucce Ferraz** Provavelmente se possa saber os nomes desses médicos -  
Curtir · Responder · 19 h

**Danilo David Carvalho** NAQUELE TEMPO ERA BEM POUCO PROVÁVEL EXAME PARA ISSO

**Verlucce Ferraz** Ahhhhhhhh daí tudo fica no disse -me -disse, achismo - nada que mereça crédito! Cada um diz o que vem à cabeça.

**Geziel Moura** Não houve exame Toxicológico, nas cabeças, não tem registros disto.

**Verlucce Ferraz** Causa mortis incerta -

**Danilo David Carvalho** MORTE MORRIDA KKKK

**Verlucce Ferraz** Kkkkkkkkkkkkkkkkk e muita gente querendo acertar na mosca!!! Kkkkkk essa história é engraçada demais kkkkk

**Geziel Moura** E outros, no caso eu, querendo só mostrar o que circulou/circula na história do cangaço, querendo dá uma de Chacrinha "Eu vim para confundir e não explicar" 😄😄😄😄

**Verlucce Ferraz** Não dá para confundir viu? Nem todos engolem essa corda! Kkkkkkkkkkkkkkk

Curtir · Responder · 10 h

**Geziel Moura** Qual corda? A morte por veneno ou por tiros, unicamente?

**Verlucce Ferraz** A que você decidir: "a palavra da frente, ensina a de detrás " kkk

**Geziel Moura** Ahhh entendi..., suponho que o caso esteja, em suspeição para vc certo?

**Verlucce Ferraz** Não vamos brincar de "atirei o pau no gato, não é "? - já somos pessoas adultas e não pega bem.

**Geziel Moura** ?????

**Chagas Nascimento** É meus amigos, quem poderia nos esclarecer, nos deixaram dúvidas. Na obra do comandante Capitão João Bezerra "Como dei cabo de LAMPEÃO", o assunto Angico é tratado sem detalhes tipo: horários de todo o percurso, quem foi o coiteiro que ele se encontrou...Ver mais

**Noádia Costa** Ótimas observações seu Chagas Nascimento. Ainda tem muita coisa para esclarecer em relação a Angicos.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Saber 100% é impossível. Mas, não podemos rejeitar pesquisas e estudos sérios já realizados por grandes pesquisadores.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Com as devidas proporções merecidas, o ataque de Lampião a Mossoró ainda provoca muitas polêmicas assim como Angicos . Mas é apenas uma questão de procurar estudar os fatos da história com neutralidade, não querendo argumentação apenas para provar ou reprovar o que já acreditamos.

**Chagas Nascimento** Franci Mary, a morte de Lampião ocorreu no período do Estado Novo (1937 a 1945 - Era Vargas), conhecido pelo seu autoritarismo. Portanto minha amiga, com certeza que o governo fez de tudo, para que a verdade do ocorrido, caísse no esquecimento. A histó...Ver mais

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Infelizmente pelo andar da carruagem ainda vai demorar muito esse dia chegar. Não disse que todas as respostas já foram respondidas, apenas disse que existem pesquisas sérias a esse respeito, ou não? Se elas respondem a todos os questionamentos, aí j...Ver mais

**Franci Mary Carvalho Oliveira** E acrescento, pelo menos no que tange a tese no envenenamento em Angicos, pelo menos por enquanto, até surgir um fato provando o contrário, não acredito nessa tese.

**Chagas Nascimento** Franci Mary, eu só tenho uma certeza. Lampião morreu em Angico, já que existem fotos confirmando os fatos. Já como foi morto, é outra história. É tudo muito confuso, ainda não li nada que me inspirasse confiança em acreditar



cegamente nas versões até agora apresentadas. Isto é uma opinião pessoal, não estou defendendo tese e nem menosprezando o trabalho de ninguém. É apenas um simples comentário.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Certamente! Eu entendo perfeitamente!

**Geziel Moura** É tão certo que Lampião morreu em Angico, que sua família, principalmente João e Expedita Ferreira, lutaram anos, para o sepultamento de sua cabeça.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** É um ponto forte.

**Noádia Costa** Chagas Nascimento em relação a depoimentos de alguns cangaceiros existiu a tendência da parte de alguns de engrandecer os acontecimentos do Cangaço o que acarretou em algumas mentiras e exageros.

**Chagas Nascimento** Verdade Geziel Moura, e João conhecia muito bem o seu irmão. Verdade Noádia Costa, houve um certo exagero por parte de alguns. Mas de qualquer maneira valeu, se não fossem estas pessoas que pesquisaram e os que deram as entrevistas, hoje não teríamos nada deste passado que deixou tanto sofrimento no nosso sertão. O cangaço é assim, cheio de mistérios, cada um que procure tirar suas conclusões. Eu tenho as minhas.

**Noádia Costa** Chagas Nascimento concordo com você. E que bom mesmo que tivemos esses

escritores que transpondo diversos obstáculos se propuseram a pesquisar e as pessoas que aceitaram dar entrevistas. Para assim buscarmos entender melhor a história do Cangaço.

**Franci Mary Carvalho Oliveira** A história não é uma ciência exata, e é isso que a deixa mais empolgante. Assim vamos seguindo. Não podemos negar que muitos pontos sobre a história do Cangaço já foram esclarecidos ou estão sendo esclarecidos, entretanto ainda há milhões que ainda requerem melhores estudos. Estamos longe de ter um consenso em tudo, e talvez nunca teremos.

**Benner Britto** Verdade, Chagas! No livro "Como dei cabo de Lampeão" o capítulo dedicado ao Combate de Angico não foi tratado com muitos detalhes. Acredito que isso tenha ocorrido por (i) ter sido escrito/publicado dois anos depois (1940) da morte de Lampeão (1938), p...Ver mais

**Jorge Remígio** Eu não dou importância a polêmica gerada a partir da morte de Lampeão em Angico. Qualquer tese tem que ter sua sustentação. Essa tal do envenenamento, é por demais frágil e em qualquer discussão com coerência ela é rechaçada. Quem teve a oportunidade de assistir a competente palestra do Dr Leandro Cardoso Fernandes, durante o Cariri Cangaço Piranhas, o qual é médico, escritor e pesquisador do cangaço, relatou brilhantemente os sintomas provocados nas pessoas que ingerem veneno. Rapaz, o quadro é deprimente. Essa tese

do envenenamento só não é mais esdrúxula do que a que ele não morreu lá. Como já foi bem falado e comentado nos comentários aqui, são afirmações sem consistência alguma, feita por cangaceiros, ou alguém querendo mídia. Essa palavra é nova, mas o objetivo era esse. O ressentimento dos Nazarenos em não terem tido o "gosto" da desforra. Eliminar o inimigo pessoal. Isso ficou visível. Ficou visível a mentira de muita gente querendo aparecer. Zé Sereno só não mentiu mais do que os cangaceiros Volta Seca e Balão. Ou cabras mentirosos! Como falou

Geziel Moura, acredito que o veneno foi chumbo mesmo. Não ingerido, é claro.

**Noádia Costa** Balão é difícil superar no quesito mentira.

**Danilo David Carvalho** ALCINO ALVES DA COSTA DISSE: MENTIRAS E MISTÉRIOS DE ANGICO.

**Verlucce Ferraz** E deve ter convencido mesmo o jurado. ...

**Geziel Moura** Hômi pelo amor de Deus, pare de usar figuras linguagens rsrsrsrsr

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Jorge Remígio faço minhas suas palavras.

**Verlucce Ferraz** Ele advogou para João Bezerra? Muitos dos advogados são criativos, forma de defesa para incientar seus clientes.

**Franci Mary Carvalho Oliveira**

**Geziel Moura** Alcino Alves da Costa foi escritor do cangaço, e não advogado de João Bezerra, sem falar que Bezerra, não foi acusado de nada, em termos, de processo jurídico.  
Curtir · Responder · 3 · 19 h

**Franci Mary Carvalho Oliveira** Misericórdia!

#### FACSÍMILES POSTADOS PELO CONFRADE GEZIEL MOURA NESSE DEBATE



CLIQUE NAS FOTOS PARA AUMENTAR

Raul Meneleu às 15:25:00  
domingo, 9 de novembro de 2014



## LAMPIÃO E O CRUZAMENTO DE INFORMAÇÕES

O cruzamento de informações às vezes me leva a leituras que não tem nada a ver com o que pesquiso. No final desse alfarrábio sob o título O Castiçal, está a matéria de Leonardo Mota, que não tem nada a ver com o que estava vendo. Resolvi reler (é a terceira vez) os famosos livros do Padre Frederico Bezerra Maciel "LAMPIÃO, SEU TEMPO E SEU REINADO" - agora o fazendo, buscando maiores informações sobre eventos relatados.

Logo no início, na introdução, deparo com um fato registrado pelo autor, a respeito do encontro casual que teve com um ex-cangaceiro de Lampião, na cidade do Recife, capital de Pernambuco. Ele nos conta através de seu livro que em dias não precisos do ano de 1969, em determinada fila de parada de ônibus do Recife, ele encontrou "um caboclo alto, setentão, desempenado, chapéu de massa de copa achatada, abas largas e longo barbicacho, não apresilhado ao queixo, mas solto sobre o peito, terno de brim cinza mal passado, alpercatas de rabicho, sobraçando surrada pasta de couro envernizado de preto. Era ele homem despachado e muito falante. Principalmente de coisas do sertão. Chamava-se José Pereira da Cunha.

De sua boca, saíam, de espontâneo e aos

borbotões, tipos e costumes sertanejos. Desfilavam coronéis e políticos, oficiais de polícia e cangaceiros famosos, capangas e rebeldes, todos explodindo em questões, decididas em emboscadas e tiroteios, vinganças e mortes: Sinhô Pereira, Lampião, Zé Pereira de Princesa, Capitão Zé Caetano, Major Teófanês, a briga entre Pereiras e Carvalhos, a Coluna Prestes... De entremeio, a vida e os cenários das localidades abertas nas vastidões das catingas varzeadas, ou demorando assentadas nas serras verdejantes: Vila Bela, Princesa, Triunfo, Água Branca... A fim de entrevistá-lo, convidei-o a passar dias inteiros comigo, em minha residência. Não foi fácil a entrevista, dado o enfraquecimento de sua memória, confundindo datas, misturando fatos.

Em resumo, a sua biografia:

1890. 10 de agosto, nascimento na vila de São Francisco, hoje Pajeú, no município Vila Bela (Serra Talhada). Primo legítimo do ten. cel. reformado Manuel Neto, seu muito amigo, cuja relação de parentesco demonstrou.

1911. 3 de fevereiro, durante um forró, matou, em própria defesa, um rival seu, numa questão de amor. Preso, cumpriu sentença.

1918. Durante dois anos esteve como

empregado e cabra de Zé Saturnino, seu parente pelo lado paterno.

1920. Tomou parte, em março, na terrível batalha da Lagoa da Lage, contra Antônio Matilde. Desavindo-se com Zé Saturnino, entrou no grupo de cangaço de Sinhô Pereira, também seu parente pelo lado materno. Participou, então, de vários tiroteios, sendo seu batismo de fogo na vila de São Francisco.

1922. Quando Sinhô Pereira, tendo de abandonar o cangaço, passou o grupo a Lampião, trocou o nome para José Roberto e ficou com o novo chefe, que lhe impôs o apelido de "Ventania", aliás, bem definindo seu espírito volúvel, aventureiro, oportunista. Participou do espetacular assalto à Água Branca, da batalha de Serra Grande...

1926. Em começos de janeiro, deixou o cangaço. Entre 8 e 9 de março, desprecatado caminhava por um trecho de estrada do sertão paraibano, quando foi agarrado pelo destacamento do Capitão Negrão, da Coluna Prestes, e nela forçadamente integrado. Compartilhou das etapas sangrentas de Piancó e Umburanas... e nas caatingas do Navio, compartilhou dos "açoites danados", com bala, aplicados "por não sei quem", mas, ao depois veio a saber que "era Lampião".



Na travessia do rio São Francisco conseguiu fugir. Passou certo tempo na serra de Triunfo, nos laboros da agricultura. Seguiu para Pilões de Orós, no Ceará, onde trabalhou, como cassaco, na construção de uma estrada de rodagem. Daí, "me danei no oco do mundo", disse ele, sem rota nem documento algum, a pé por miseráveis caminhos e arrastadores, de canoa pelos rios e a nado pelos igarapés, dormindo trepado nas árvores por medo de onças, comendo o que conseguia.

No rio Amazonas pegou um "gaiola" e foi bater em Letícia, no Peru. Até aí já fazia três meses vinha viajando. Como não entendesse a fala (talvez o quíchua) dos viventes que encontrou no lado peruano, voltou imediatamente à Tabatinga, no lado brasileiro, onde em um navio argentino e a troco de um "trabalho de bicho" desceu o Amazonas, indo bater em Rosário, na Argentina. Ali aprendeu a arte da ortopedia. No navio brasileiro "Santarém" embarcou, chegando ao Recife no começo de outubro de 1930.

1930. Vivia, sossegado, trabalhando em uma oficina instalada na Praça Joaquim Nabuco, quando foi surpreendido por soldados que o pegaram a fim de ajudar no ataque ao sublevado Quartel do Dérbi. Através de interessantes peripécias, chegou ao cômico de se autopromover a sargento e, por fim, a ser

nomeado investigador de polícia, cargo de que foi logo demitido por estripulias.

1935. Na cabeça de ponte de Afogados, em Recife, defendeu a ordem e a lei, durante o levante comunista.

1940. Até esta data, continuou empregado na mesma oficina, passando daí em diante a trabalhar por conta própria em sua residência, vindo a falecer a 10 de agosto de 1972.

Procurei investigar o que havia de verossímil em tudo isso."

Daí então o Padre Frederico, queria focar sua história somente em Lampião e como dissesse: "deixo esse cangaceiro Ventania, para os pesquisadores tomarem conta e nos diz: "Logo, porém, desisti ante o que, rapidamente, notei: esse cangaceiro representava apenas uma gota d'água no mundo de Lampião. O interessante mesmo era Lampião. Nisso quando, me lembrei de uma grossa pasta de depoimentos e anotações tomados em nove anos vividos no sertão.

Propriamente não começou assim...

Mas, sim, de quando eu tinha doze anos de idade. Daí até os quinze anos, tinha eu lido

três vezes "Os Sertões", de Euclides da Cunha. Livro que lastrou, em definitivo, as tendências do meu espírito: estudos históricos, sociais, psicológicos, literários...

De passagem: entre as muitas leituras que, naquela época, fazia na apreciável biblioteca de meu pai, acrescente-se a magnífica coleção da Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco. Outro fator concomitante, de influência decisiva: a figura — fantasma e lenda — de Lampião, sempre pairando ameaçador sobre a cidade de Pesqueira, naqueles tempos boca do sertão. Intrigantes dúvidas assaltavam-me o espírito de adolescente:

— quem seria aquele homem tão valente e poderoso? — herói ou bandido? — por que ficou ele assim? — por que o perseguem? Impressionava-me, vivamente, quando trens expressos passavam, à ilharga da cidade, apitando doidamente, cheios de forças volantes, equipadas, lançando, de corneta, toques de guerra — a Guerra de Lampião!... "

Para encurtar a história e me levando mais a frente, o que me interessou nesse relato foi quando na biografia iniciante do velho cangaceiro Ventania, o Padre foca em 1920 e diz que ele tomou parte, em março, na terrível batalha da Lagoa da Lage, contra

Antônio Matilde e "PAN!" Recebo aquele estalo. Está aí o meu interesse maior! Que batalha da "Lagoa da Lage" era essa?



Vou para o computador e digito "batalha da Lagoa da Lage" e surge uma informação indicando o livro "A derradeira gesta: Lampião e nazarenos guerreando no sertão" de Luitgarde Oliveira Cavalcanti Barros. Abro o livro e leio:

"Como os sertanejos tanto temiam a força do destino e as reviravoltas da vida, Antonio Matilde, que em 1910 se juntara a Casimiro Honório para, em nome da lei, destruir José de Souza, dez anos depois, viúvo, casando-se com uma prima de Virgulino Ferreira, tratara de um irmão deste quando ferido num dos primeiros confrontos com José Saturnino.

Ligado por parentesco ao povo dos Ferreira, Matilde sofreu vexames por parte de uma volante que ia na batida de Sinhô Pereira. Em 1920, agora como um fora da lei, engrossa, com Virgulino e Antonio Ferreira (já residentes em Alagoas) o grupo que volta a Pernambuco para a vingança contra José Saturnino e os Nogueira, que viviam entre o Pajeú e a ribeira

do São Domingos. Incendiando as fazendas Serra Vermelha, Lemos e Pedreira, os grupos de Virgulino Ferreira e de Antonio Matilde mataram muito gado de José Saturnino, do cunhado e do sogro, os Nogueira. Saturnino apelou para seu tio - o velho Casimiro Honório, que se deslocou do Navio com a cabroeira, em socorro do sobrinho, na região do Pajeú. Dessa maneira o mais famoso valentão do Navio confrontou-se com os Ferreira impondo-lhes fragorosa derrota no Combate da Lagoa da Lage.

Na ocasião Honório falou aos parentes da tristeza de combater o "Compadre Matilde", antigo companheiro de lutas contra José de Souza, mas se submeteu ao código das obrigações de parentesco, indo em defesa do sobrinho. Nessa batalha aplicou os conhecimentos de guerrilha, atacando ferozmente os oponentes, tendo da luta saído ferido Antonio Matilde, que abandonou o cangaço e se mudou para a Paraíba não mais voltando a Pernambuco.

Esse também foi o último combate de Casimiro Honório, que morreu dois anos depois, em 1922, sem ter o sangue derramado, dormindo eternamente à sombra das catingueiras; o espírito tangendo o gado, o aboio solto no vento, os calos das mãos rugosas se desfazendo no encrespamento das

águas do riacho do Navio.

O valente José de Souza teve um fim muito adverso, embora não tenha tombado no campo do combate que consumiu sua juventude, enfrentando Casimiro Honório. Essa história fica para outra hora.

Nesse ínterim enquanto lia partes do livro A DERRADEIRA GESTA para encontrar o Combate da Lagoa da Lage, encontrei um indicativo da autora, ao jornalista e escritor Leonardo Mota, que transcrevo abaixo, mostrando alguns acontecimentos que marcaram a perversidade de Lampião, e que existem contraditórios, embora saibamos que algumas sejam verdadeiras. Se não fosse trágico e cômico ao mesmo tempo, daria boas risadas. Vamos ao artigo de Leota, como o chamava carinhosamente a escritora Rachel de Queiroz:

## O CASTIÇAL

Leonardo Mota



Quando Lampião ocupou a povoação baiana de Abóboras, teve a fantasia de exigir que lhe trouxessem e a seus cabras onze mulheres amigadas. A localidade não contava com tal número de concubinas, pois graças à ação dos padres no confessionário e no púlpito, vão rareando os amancebados.

Ele satisfez-se com as três ou quatro que lhe foram levadas e condescendeu em deixar em paz as matronas e donzelas. Formou, em seguida, um samba orgíaco, todos os figurantes em trajes paradisíacos, como é de seu gosto.

Os bandidos, sem exceção de um só, ficaram completamente bêbados. A povoação possui algumas dezenas de homens válidos, vigorosos. Se oito ou dez desses homens se dispusessem, já não digo a matar os onze cangaceiros, mas a amarrá-los e prendê-los, isso teria sido conseguido, pois no estado de embriaguez em que os criminosos se encontravam, quase nula reação haveriam de opor. Mas, este nome LAMPIÃO é o espantalho de milhões de almas no sertão nortista!



Pouparam-no em Abóboras. Dias depois, no lugar "Carro Quebrado", ele praticava a infâmia de fuzilar nove homens indefesos que trabalhavam numa estrada de rodagem. E liquidava, a faca, os sete soldados do destacamento de Queimadas, de cujo comércio extorquiu vinte e quatro contos de réis. Nessa última façanha ignóbil, culminou a sua perversidade. Apanhados de surpresa, os soldados se lhe haviam rendido, sem resistência. Lampião meteu-os num cubículo e, ao escurecer, de um em um, os fez retirar para o oitão da cadeia.

— Sabe que vai morrer? Perguntava ao que chegava. O infeliz pedia-lhe compaixão, em súplicas da maior humildade, em rogos da maior angústia. Fingindo-se apiedado, ele ordenava:

— Pois, então, tire as suas perneiras, que eu preciso delas.

Quando o desgraçado se curvava para as desabotoar, traiçoeira punhalada pelas costas o prostrava. E Volta Sêca ia sangrando na garganta os apunhalados. (Um parêntese. Volta Sêca é o benjamim da horda, quase uma criança. Não tem dezoito anos. Verdadeiro criminoso nato, vive carrancudo, alegrando-se apenas quando dá expansão aos

instintos sanguinários. Chama a Lampião de "padrinho" e este o considera o seu "menino de confiança").

Ainda em Queimadas, após haver dado liberdade aos presos sentenciados, Lampião insultou estupidamente o Juiz togado, a quem chamou de "negro" e obrigou a servir-lhe água e café ... Virgolino nada põe à boca, sem que obrigue a pessoa que lhe apresenta a comida ou bebida a servir-se primeiro.

— Veneno pra eu véve por aí banzando! costuma repetir, precavido contra qualquer traição. No sertão pernambucano, uma mulher pretendeu envenená-lo. Lampião convidou-a a beber da cachaça em primeiro lugar. Ela desculpou-se, alegando que estava purgada. Virgolino tirou do embornal urna colher de prata e meteu-a no copo. A colher enegrece. Lampião percebe a cilada, agarra pelos cabelos a ousada sertaneja, amarra-a ao tronco de uma árvore, embebe-lhe de querosene as vestes e queima-a viva, desfechando-lhe, por fim, um tiro de misericórdia no seio estorricado.

A fruir a sua liberdade, com a sorte inaudita de sempre despistar os que o procuram, gosta ele de fazer picardias aos agentes do Governo. Na noite em que surpreendeu com a sua presença os frequentadores do cinema de

Capela, em Sergipe, dirigiu-se, a desoras, ao Posto Telefônico e obrigou o respectivo funcionário a chamar, na Capital, o Chefe de Polícia do Estado. Informaram de Aracaju que, àquela hora, quase madrugada, o mencionado auxiliar do Presidente Manuel Dantas estava a dormir em sua residência, sendo impossível a ligação solicitada. Lampião riu-se e deixou-lhe um recado atrevido e grosseirão, atenuado com o reparo trocista de que a polícia dormia, enquanto ele velava e fazia ronda...

São inumeráveis os fatos em que Virgolino tem patenteado a hediondez da sua alma de monstro. Entre essas práticas infames se inclui a de cortar os beijos dos assassinados, "pra que os defuntos fiquem se rindo"...

O antigo Deputado Federal, Dr. Vergne de Abreu, que esteve no sertão baiano, quando Lampião ali praticava atrocidades inconcebíveis, dá-nos conta, no livro "Os Dramas Dolorosos do Nordeste", de alguns fatos horripilantes, quais sejam o de Virgolino haver castrado quatro rapazes em Tucano, e o de Lampião e quinze cabras haverem, em Baixão do Carolino, cevado sua lubricidade numa virgem, a qual veio a falecer no dia seguinte. O suplício dezesseis vezes sofrido pela infeliz donzela foi testemunhado por sua mãe velhinha, a cujas exortações de piedade para a filha desditosa foram insensíveis os

dezesseis demônios.

Outra infâmia de Virgolino foi surrar na fazenda "Fundão" o octogenário Joaquim José dos Santana, em cujas costas o perverso tatuou uma cruz, a punhal, depois de ter cortado os tendões dos pulsos do ancião, para que o mesmo ficasse irremediavelmente aleijado. No sertão baiano, mandou Lampião preparar um ferro, uma marca de gado, com as iniciais V L (Virgolino Lampião) entrelaçadas. Quando uma donzela lhe resistia à luxúria, ele mandava aquecer o ferro. E quando o ferro estava em brasas, ele ferrava nas coxas e nádegas, como reses suas, as virgens sacrificadas, "éguas brabas", no seu repulsivo falar. No interior do município de Curaçá, ele ferrou duas moças que logo lhe não satisfizeram o desejo. Uma delas era noiva e enlouqueceu. Um cabra de Lampião contaminou de mal venéreo a viúva, mãe de ambas.

Dias depois, as três desgraçadas tabaroas chegavam à cidade de Juazeiro. Foi uma cena pungente: a viúva dizia-se desonrada e pedia um remédio pra... morrer; a louca proferia coisas desconexas, em que se baralhavam os nomes do noivo e de Lampião; a outra mocinha, debulhada em lágrimas, chorava o seu infortúnio irreparável.

Do longo capítulo que sobre Lampião escrevi no livro "Sertão Alegre", consta a proeza de Virgolino haver assaltado uma casa em que se festejava um casamento, e obrigado os noivos a dançarem despidos, completamente despidos, na sua presença.

Houve, no Rio, quem duvidasse da autenticidade de semelhante episódio. Objetou-se que, figura legendária, a Lampião deviam ser atribuídas muitas façanhas que jamais lhe passaram pela mente. Entretanto, o fato em apreço é absolutamente verdadeiro. A ele se referiu também o poeta popular José Cordeiro, pondo esta confissão na boca de Virgolino:

**No distrito Cajazeiras,  
Perto do lugar Tatus,  
Em um casamentos eu fiz  
Os noivos dançarem nus,  
E no meio do pagode  
Mandeí apagar a luz. . .**

Eu me encontrava, em agosto do ano passado, nos sertões da Bahia, quando ao "Diário de Notícias", de São Salvador, o Cel. Antônio Soares Monte Santo, fazendeiro em Canudos, concedia uma entrevista sobre acontecimentos desenrolados durante a estada de Lampião em terras baianas.

Transcrevo-lhe este trecho:

"— Foi em Pedra Branca. Ali assaltou ele uma casa de família. Armou o samba. Fez quatro mocinhas despirem-se. E tocaram a sanfona. Houve bebidas e o sacrifício das infelizes sertanejas. — Horrível! — Mas verdadeiro. E não foi tudo. Uma emboscada atraiu o subdelegado. Este quis manter-se como autoridade. Foi batido, violentado, vítima de um atentado infame que o levou quase morto ao hospital de Juazeiro".

O primeiro tópico por mim grifado mostra que Lampião é useiro e vezeiro na canalhice de obrigar donzelas a se desnudarem publicamente. O segundo alude a um atentado infame, que certamente o jornalista não se animou a registrar. Faço-o eu, para que se não perca esse documento do espírito demoníaco do até hoje impune flagelador dos sertões: — Lampião forçou o subdelegado de Pedra Branca a ficar nu em pelo, introduziu-lhe uma vela no ânus, acendeu-a depois e, obrigando a vítima a passear pela sala, deixou que a vela quase se consumisse, queimando o pobre homem, em meio às gargalhadas e chacotas da cabroeira encachaçada.

Como não há narrativa trágica que o tabaréu não sublinhe comicamente, o sertanejo que

primeiro me garantiu a veracidade desse fato, cuja confirmação tive mais tarde, balançava a cabeça e me dizia:

— Patrão, vamincê vigie só a que é que nossos governos deixam sujeito o pobre sertanejo! vigie só de que é que Lampião anda fazendo castiçal...

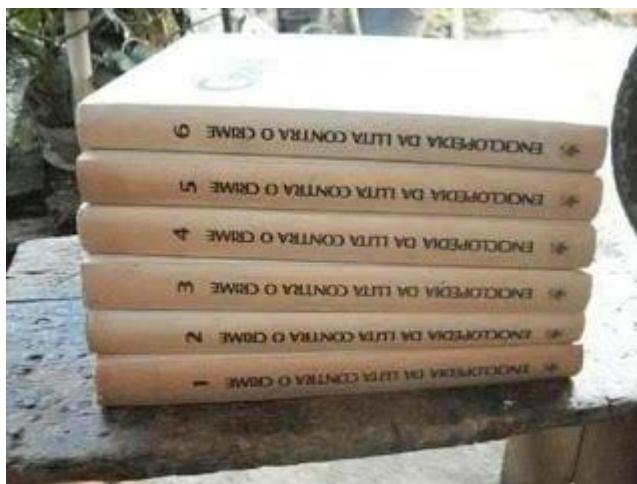
Raul Meneleu às 08:59:00  
quinta-feira, 15 de junho de 2017





quarta-feira, 3 de fevereiro de 2016

## LAMPIÃO - A análise de poeiras em criminalística



CLIQUE NA FOTO PARA VÊ-LA GRANDE

Esse artigo "Lampião, a Análise de Poeiras em Criminalística" da publicação "Enciclopédia da Luta Contra o Crime" com textos de diversos autores traz no fascículo de número 60 o texto de John Merionès Shawi onde encontramos algumas informações divergentes com a maioria dos autores e pesquisadores, mas que é razoável em seu conteúdo. Foi lançada no ano de 1974 pela Abril Cultural e constitui-se de seis volumes. LAMPIÃO - Por John Merionès Shawi

Assassinando um inimigo no Ceará, sua terra natal, Antônio Alves Feitosa fugiu para Pernambuco com seu filho José e se estabeleceu no povoado de Carqueja. Com a morte de Antônio, José trocou seu sobrenome marcado pelo crime do pai e adotou o de Ferreira da Silva. Casou-se com Maria Lopes e mudou-se para uma fazenda que comprou em Ingazeira. Teve nove filhos: Antônio, Livino, Virgulino, Virtuosa, João, Angélica, Maria, Ezequiel e Amélia. Embora desejasse acima de tudo paz e tranquilidade, José Ferreira da Silva não pôde deixar de se aliar a uma grande família, os Pereira. Seu vizinho, José Saturnino, pertencia ao clã dos Nogueira, aliados dos Carvalho. Ferreira da Silva e Saturnino desejavam manter boas relações, mas, como seus "patrões" se encontrassem num conflito encarniçado, suas relações só podiam se deteriorar.

Por causa de algumas cabras — furtadas diziam uns, perdidas diziam outros — as duas famílias passaram das ofensas à linguagem dos fuzis. Antônio, o filho mais velho de José, é ferido. Para evitar a continuação da violência, os Ferreira da Silva deixam a fazenda e mudam-se para outra propriedade que possuem, em Nazaré. Mas o ciclo de violência fora iniciado. Os Saturnino passam a perseguir os Ferreira da Silva. Depois de três horas de cerco, os Saturnino são rechaçados, sofrendo uma baixa. José muda-se de novo ajudando a incendiar a

fazenda de uma família rival, Lampião e seu irmão Livino tornaram-se marginais.

Com sua família e se instala em Olho d'Água, a 46 quilômetros de Mata Grande, em Alagoas. Seu obstinado pacifismo não basta, porém, para afastá-lo da luta entre famílias. Seu primo, Antônio Matilde, é agredido pelos Saturnino e envia uma mensagem a Livino e Virgulino, dois dos filhos de José Ferreira da Silva, pedindo-lhes que o ajudem na vingança. Antônio Matilde forma um grupo de quinze homens que vai queimar a fazenda Pedreira, pertencente a José Saturnino. Em Mata Grande, Antônio Matilde, Livino e Virgulino passam a ser procurados pela polícia e decidem dar uma lição a um delegado, dócil aos Carvalho: espancam-no e destroem sua casa. Em seguida, partem para Pernambuco. José Ferreira da Silva também realiza uma nova migração — sua última tentativa para preservar seus filhos do cangaço.

Sua mulher morre de exaustão, na estrada, e dez dias depois o próprio José Ferreira da Silva cai, vítima do ataque de uma volante à sua casa. Assim que recebem a notícia, seus três filhos mais velhos voltam para Alagoas. Embora mais moço do que Antônio e Livino, Virgulino assume a chefia da família e distribui as responsabilidades: — João, você cuidará de nossas quatro irmãs e do pequeno Ezequiel. Vá para longe daqui, procure um lugar onde possa

**viver em paz ... Em seguida, traça a linha de conduta dos mais velhos:**

**— Nós perdemos tudo. Só nos resta matar, até a morte.**

**O ano era o de 1919 e Virgulino tinha 21 anos de idade. Em 1920, os três irmãos entram para o bando de Sinhô Pereira e Luís Padre, que dá caça aos Carvalho, aos Nogueira e aos Saturnino. Depois do primeiro confronto mais sério, Virgulino conta a seus companheiros:**

**— Durante o tiroteio contra a volante, meu fuzil iluminava a noite como se fosse um lampião. Luís Padre acha muita graça nessa comparação e dá a Virgulino Ferreira da Silva a alcunha pela qual ficou conhecido: Lampião. Durante dois anos, o bando de Sinhô Pereira pilhou os Estados de Pernambuco, Alagoas e Ceará. No correr dos ataques, das emboscadas e das retiradas, Lampião revelou-se um estrategista e um combatente excepcional. Ao resolver deixar o cangaço e recomeçar a vida longe dali, foi a Lampião que Sinhô entregou a chefia do bando. A seu sucessor, confiou também duas missões, duas vinganças que não pôde realizar. Lampião resolveu cumprir suas promessas sem demora.**

**Luís Gonzaga, prefeito do município de Belmonte, é a primeira vítima. À frente de seus homens, Lampião invade o lugar — um povoado importante — e cerca a prefeitura. Aterrorizado, o**

prefeito prefere se jogar pela janela a cair vivo nas mãos dos cangaceiros. Ateando fogo às roupas e arquivos encontrados na casa, Lampião lança ao braseiro o corpo do suicida.\*

- \*Vejam o vídeo onde o Historiador José Valdir Nogueira conta a verdadeira história: <https://www.youtube.com/watch?v=deg12pyA9EE>

A segunda vítima marcada, João Nogueira, prefere fugir. Enquanto procura sua pista, Virgulino mata-lhe o pai e alguns outros membros da família. Consequência imediata: os Nogueira e seus aliados se alistam na polícia de Pernambuco. Tendo cumprido sua palavra, Lampião iria, daquele momento em diante, impor sua própria lei ao sertão.

## VINGANÇA PARA TODOS

Todo aquele que se opõe vitoriosamente aos poderosos, mesmo quando sua motivação não é das mais exemplares, torna-se rapidamente um herói aos olhos das massas miseráveis e oprimidas. Entrando no cangaço por um desejo de vingança pessoal, Lampião passou a simbolizar rapidamente as esperanças dos pobres do sertão. Através das proezas do "capitão", os oprimidos viviam um sonho de liberdade e de justiça que os cangaceiros não expressavam conscientemente. Lampião considerava sua revolta como o resultado amargo das circunstâncias; era mais um bandido

de honra do que um bandido social. Havia nele mais aristocracia do que rebelião: comportava-se como um príncipe fora-da-lei, não como um revolucionário. Mas a lenda não se embaraça com muitas sutilezas nem se perde na penumbra da psicologia. Se Lampião se mostra corajoso, generoso, tira dos ricos para dar aos pobres, ele é o campeão do povo. Tremia-se ante o relato de suas crueldades, esqueciam-se os seus laços com alguns coronéis: era melhor ignorar as suas sombras e acalantar o coração à sua luz. "Onde vive o Lampião, a minhoca fica corajosa, o macaco enfrenta a onça, o carneiro não é carneiro."

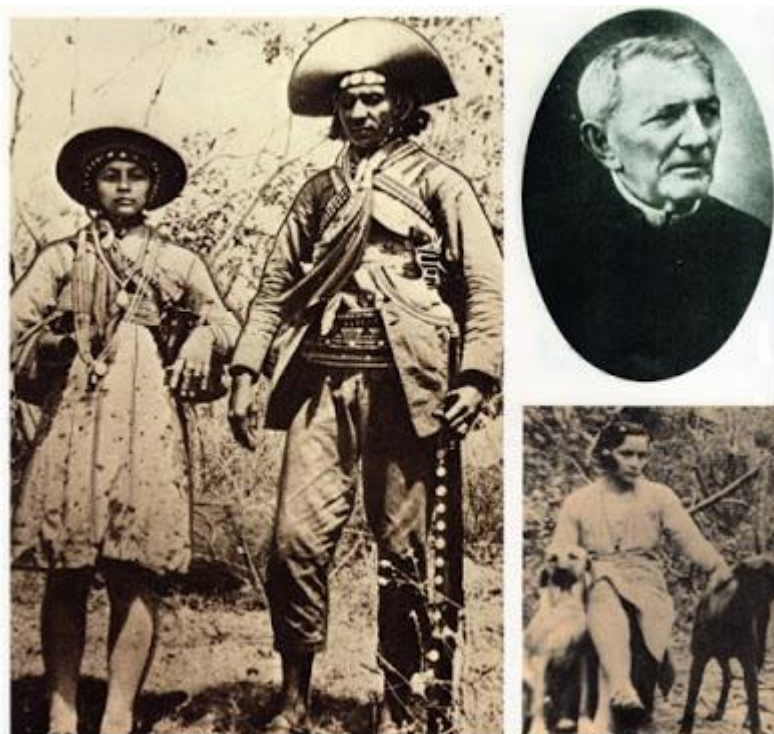
Ao chegar à localidade de Princesa, na Paraíba, o "capitão" é aclamado e festejado, pois acaba de dizimar a família Dantas, que há muito tempo oprimia e humilhava a população local. Um dos sobreviventes da família Dantas entra para a polícia a fim de se vingar do bandido. Toma-se o sargento Quelé, um dos mais determinados adversários de Lampião.

Em 1923, descobrindo um dos informantes do "capitão", Quelé o torturou até que ele revelasse o esconderijo do cangaceiro na caatinga. Depois, aproximou-se silenciosamente do lugar, cercado de uma barreira de arbustos espinhosos e, subitamente, desencadeou nutrida fuzilaria. Surpreendido, Lampião ordenou imediatamente a retirada, sem barulho. Não encontrando resistência, os soldados diminuíram o fogo.

Nesse instante, os cangaceiros fizeram meia-volta, surgiram do cerrado e lançaram-se sobre os soldados numa carga terrível, berrando, cantando e xingando os adversários a plenos pulmões. Esse contra-ataque, de uma violência inacreditável, colocou os soldados em debandada.

Mas Lampião ficou ferido no decorrer dessa luta; um de seus homens o carregou às costas durante a interminável caminhada que se seguiu pela caatinga. Em 1924, Lampião dá a impressão de ser onipresente. Surge na Paraíba e saqueia a povoação de Souza. É visto em todo o Estado de Pernambuco e enfrenta as volantes várias vezes. Executa algumas vinganças e reabastece-se em diversas localidades. Ele e seu bando se deslocam quase sempre a pé, dada a excepcional resistência dos cangaceiros.





**(1) Lampião e sua fiel companheira, Maria Bonita. A jovem tinha apenas 19 anos e vivia com um sapateiro chamado Zé de Nenen, quando encontrou o bandido. Ela imediatamente se dispôs a segui-lo por toda parte e até o fim da vida.**

**(2) Padre Cícero Romão Batista, personalidade de forte ascendência sobre as populações nordestinas.**

**(3) Maria Bonita, num raro momento de tranquilidade.**



**Cangaceiro Corisco, considerado como o braço direito de Lampião, com sua mulher, Dadá.**

## **EPISÓDIOS**

Sempre vitorioso, a lenda do "capitão" se firmou em todo o sertão e lhe conferiu um poder real. Alguns episódios o provam e permitem traçar o retrato do bandido. Ferido no olho por um galho de espinhos, Lampião encontra pouco depois um jovem médico do Rio de Janeiro, a caminho de seu novo posto. Eis o que se passou, segundo Pássaro Preto, um dos "cabras" de Virgulino:

— O moço empalideceu; pensou que Lampião quisesse matar alguém formado pela universidade a fim de aumentar o rol de seus feitos. Suplicou ao cangaceiro que o poupasse, que era o único arrimo de uma velha mãe e de muitas irmãs. Lampião sossegou-o, dizendo: "Não tenha medo, doutor, o senhor está são e salvo. O senhor vai apenas desaparecer por uma semana; preciso do senhor para tratar do meu olho machucado. Vamos nos refugiar na serra que pode ver no horizonte. Conheço ali algumas cavernas que são verdadeiras casas". O médico foi forçado a acompanhar o bando. Ele levava remédios na sua bagagem e pôde tratar do

ferimento. Cinco dias depois a infecção cedera quase que completamente e Virgulino resolveu libertar o jovem médico. Deu-lhe 4 contos de réis em pagamento pelo trabalho e conduziu-o até a estrada. Ao se despedir, perguntou onde pensava se estabelecer e prometeu: "Siga o seu caminho sem medo, doutor. Prometo-lhe que durante muito tempo não haverá outro médico nas suas paragens. O senhor será o único ali e ganhará muito dinheiro ..."

De fato, Lampião fez tantas ameaças que nenhum outro médico ousou se estabelecer na região, e o médico conseguiu formar uma grande clientela. Lampião também se impunha aos outros bandos de cangaceiros que operavam no sertão. Em 1925, o "capitão" e seus homens entram na aldeia de Custódia, reclamando dinheiro e remédios. Contentes com a acolhida da população, Lampião redige uma carta em que declara colocar o povoado sob a sua proteção. E diz ao farmacêutico:

— Se outros cangaceiros aparecerem por aqui, o senhor só precisa mostrar este bilhete que estará são e salvo. O poder de Lampião viu-se subitamente confirmado pelas autoridades do Estado. Depois de Custódia, o bandido ocupou em quinze dias três povoados. De Rio Branco — sua última conquista — telegrafou ao governador de Pernambuco, ameaçando cercar Recife se os destacamentos policiais continuassem no seu encalço. O governador assustou-se e mandou

suspender a perseguição. Lampião não teve problemas para tomar as vilas de Granito, Leopoldina e Cabrobó.

## O CAMINHO CAÓTICO

Entretanto, a despeito de sua popularidade e de seu poder de fogo, o "capitão" não procura estruturar sua revolta e lhe dar urna expressão reivindicativa. Nunca tenta organizar as massas que lhe são espontaneamente favoráveis. Lampião é um bandido, um excepcional comandante, mas incapaz de imaginar seu papel, em termos de poder. Entre ele e Pancho Villa existe a distância infinita de uma revolução mental. Nos dois casos, o sentido da honra e o desejo de vingança moldaram o destino, mas por caminhos opostos. Enquanto Villa participa da transformação da realidade social mexicana, Lampião, bandoleiro glorioso e solitário, não compreende nada dos problemas e movimentos da sociedade brasileira. A vida de Lampião não passa de uma sucessão de combates, fugas, atos cruéis ou nobres, sem que nunca ele tenha pensado em unificar, dar um sentido a essas ações. Virgulino não domina o seu destino — sofre-o; sabe defender-se maravilhosamente, mas é cego. Além disso, periodicamente sonha com a respeitabilidade, ser reconhecido e acatado pelas autoridades, servi-las se preciso. Vários episódios ilustram esse desejo de reintegração social — são como encruzilhadas no caminho caótico do bandido.

Em fins de 1925, chefiando trinta cangaceiros, Lampião assalta a fazenda de Vicente Moreira, que se encontra sozinho. O fazendeiro se defende bravamente por todos os lados e os bandidos não conseguem vencê-lo. — Vicente Moreira, cabra da peste, você devia morrer hoje. Mas você é muito valente; não se deve matar um homem como você. Saia de casa, façamos as pazes — grita Lampião. Os dois homens parlamentam longamente e entram num acordo. O "capitão" promete não atacar mais nem Moreira nem seus parentes, particularmente José Saturnino, seu mais velho inimigo. E cumpre a palavra. Pouco tempo depois disso, ocupa a cidade de Flores, mata o chefe da família Teotônio, que o denunciara à polícia, e, em seguida, resolve se refugiar na casa de José Jósimo, um de seus amigos coronéis.

Na estrada de São João dos Leites, o bando é atacado por uma volante da polícia. Os cangaceiros conseguem escapar, mas Livino, um dos irmãos do "capitão", cai morto e os soldados ficam com o seu corpo. "A perda do irmão afetou muito a Lampião; ele ficou muito triste e deixou crescer o cabelo e a barba em sinal de luto." Depois desse revés, o bandido comprou uma fazenda na localidade de Barreiros, perto de Vila Bela, Estado de Pernambuco, onde pretendia viver em paz. E — estranha ingenuidade — enviou uma mensagem ao governador na qual lhe propunha dividir Pernambuco em duas



partes: o governador reinaria nas regiões costeiras, enquanto Lampião dominaria o sertão . A absurda iniciativa demonstra o temperamento feudal do cangaceiro.

## UM RICO TURISTA

O ano de 1927 começou de modo dramático. Antônio, o irmão mais velho, foi morto por um tiro de fuzil disparado durante um jogo. Lampião sentiu profundamente o acidente. Fechou-se durante seis meses no vale do Pajeú e chamou para junto de si seu irmão caçula Ezequiel, então com quinze anos. O rapaz revelou-se um atirador de espantosa habilidade e Lampião lhe deu o apelido de "Ponto Fino". Com ele e uns cinquenta "cabras", resolveu assaltar a cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte. Era uma empreitada insensata, sobretudo porque o cangaceiro anunciara a sua chegada. Antes de atingir Mossoró, incendiou algumas aldeias, pensando apavorar assim os habitantes da cidade, para tomá-la sem luta. Errou no cálculo: tendo tido tempo de avaliar a força do bando de assaltantes, o chefe da polícia organizou a defesa da cidade e, em consequência, Lampião e seus homens foram repelidos. Essa derrota fez renascer suas hesitações: como abandonar o cangaço? Refugiou-se no Ceará até o fim do ano. Como a polícia estivesse no seu encalço, dispersou seu bando e partiu para o norte da Bahia, onde foi acolhido pelo coronel Petronilho, o mais rico fazendeiro-da região, que o ajudou o

melhor que pôde. Lampião foi encarregado de cuidar do gado solto nos grandes pastos de uma das suas fazendas, Gangorra. "A regeneração de Lampião foi completa. Durante um ano viveu tranqüilamente. Soube conquistar a simpatia de quase todos os moradores dos arredores. Tratava-os com grande amabilidade e gastava prodigamente todo o dinheiro que havia juntado. Depois, passou seis meses na fazenda Três Barras. Levava uma vida de turista rico. Muitos bandidos da região resolveram viver perto dele: Corisco, Antônio de Ingrácia e outros, atraídos pela divertida vida que se levava ao lado do 'capitão'. Mais de cem homens e mulheres moravam então na fazenda. Sua palavra era lei. Ele se tornara uma autoridade na região. Periodicamente ia até a cidade próxima, Jeremoabo, onde conversava com o prefeito, o juiz, o delegado de polícia." (Optato Gueiros: Lampião.) Entretanto, as volantes vindas de Pernambuco continuavam a vigiar as idas e vindas do cangaceiro. Muitos de seus elementos tinham contas pessoais a ajustar com Lampião e não estavam dispostos a desistir dos seus intentos de vingança.

## SÓ O DIABO PODE RESISTIR

A perseguição, às vezes, colabora com o acaso. Voltando de Jeremoabo a Gangorra, o "capitão" notou que era seguido por uma volante. Com seus companheiros, desapareceu na caatinga, reaparecendo depois no distrito rural de Santa



Brígida, na fazenda Malhada do Caiçara. O proprietário do lugar, João Casé, e sua mulher, Maria Déia, tinham uma filha de 19 anos, alcunhada de Maria Bonita por causa de sua beleza. Maria vivia com um sapateiro, Zé do Nenen, sem que o casamento tivesse sido legalmente celebrado. A moça confiara a Luís Pedro, um dos amigos do cangaceiro, que amava Lampião, embora jamais o tivesse visto. Luís Pedro pintou ao capitão um retrato entusiasta de Maria: " 'Compadre, essa mulher tem olhos extraordinários, seus olhos viram a cabeça das pessoas. Tudo nela é atraente. Só o diabo pode resistir à sedução dos gestos e das palavras de Maria.'

Embora desconfiado, Lampião concordou em acompanhar o amigo até a casa do sapateiro. Segundo o cangaceiro Cambaio, a cena foi assim: Maria Bonita abriu a porta e reconheceu imediatamente aquele que elegera. Disse então em voz alta: 'É ele quem eu amo ... Você quer me levar ou quer que eu o siga?' Como quiser, Maria; eu quero tudo o que você quiser. Se quiser viver definitivamente comigo vamos.' Maria entrou no quarto. Quando saiu, vestia uma capa e trazia duas bolsas: apresentava-se um pouco à moda dos cangaceiros. Voltando-se para o marido, que ficara petrificado num canto da sala, ela lhe disse simplesmente: 'Adeus Zé'. E desapareceu atrás do homem que amava". (Optato Gueiros, op. cit.) Essa versão do "encontro" possui a beleza e a simplicidade das

lendas populares. Contudo, um ponto foi confirmado pelos pais da moça, que sobreviveram: ela realmente se comprometera a seguir Lampião antes de tê-lo conhecido. Maria Bonita se conservaria fiel ao herói de seus sonhos durante dez anos.

Por seu lado, Lampião devotou-lhe constante paixão. Em consequência de uma desavença com seu protetor, o coronel Petronilho (questão de partilha do gado), o bandido retomou o caminho do sertão. Seu grupo abrangia agora diversas mulheres, o que o distinguia de todos os outros bandos do nordeste brasileiro, assim como de todos os outros bandos da história do banditismo rural. O papel das mulheres limitava-se a serviços domésticos; não usavam fuzis nem participavam dos combates. Para se vingar do coronel Petronilho, o "capitão" incendiou a fazenda Gangorra e depois se retirou para o Raso da Catarina, espécie de deserto recoberto de arbustos espinhosos, sem uma gota de água em toda a sua enorme extensão. As volantes não ousavam penetrar nesse inferno. Lampião conhecia a região como a palma da mão e ali se sentia na mais completa segurança.

De 1930 a 1932 o cangaceiro permaneceu no meio do seu deserto, juntamente com Maria Bonita, Corisco e sua mulher Dadá, o jovem Volta Seca, seu irmão caçula Ezequiel e alguns "cabras". Limitava-se a algumas expedições às povoações vizinhas, para se reabastecer. "Em

1932, porém, os governadores da Bahia, Alagoas, Sergipe e Pernambuco resolveram unir esforços para perseguir o bandido. Os destacamentos policiais dos vários Estados foram reunidos num só contingente e seu comando entregue a oficiais do exército." (Nonato Masson, A Aventura Sangrenta do Cangaço.)

Os habitantes da caatinga foram levados para a cidade de Jeremoabo: o governo estava resolvido a empregar os grandes meios. Contudo, embora avisado por seus informantes, Lampião não pensou que os soldados tivessem a coragem de penetrar no Raso da Catarina. Sete de dezembro de 1932, 10 horas da manhã: "Lampião estava no interior de uma caverna, em plena serra do Chico, no meio do Raso do Catarina. As mulheres preparavam a comida; os homens tratavam de esmagar crauás e gravatás a fim de obter água. Subitamente a fuzilaria ecoou na caverna, e os cangaceiros, tomados de surpresa, não puderam resistir. Alguns foram mortos, outros feridos. Lampião, levando Maria Bonita às costas, fugiu pelo fundo da grotá. Corisco, Volta Seca, Dadá e alguns outros seguiram-no. Mas não puderam carregar nada consigo. Ao entrar no refúgio, os soldados ali encontram armas, muita munição, chapéus de couro, bolsas, sandálias, objetos de ouro e prata. Terminado o mistério da inexpugnabilidade do Raso da Catarina, Lampião nunca mais voltou para lá". (Nonato Masson, op. cit.) Depois dessa fuga miraculosa, Maria Bonita convenceu

Lampião de que era tempo de comprar uma fazenda para nela viver em paz. Ezequiel fora morto num combate recente e o cangaceiro não enxergava mais do olho direito, ferido por um espinho. Lampião, contudo, não pensava em se recolher a uma existência difícil; depois de refletir, concebeu um engenhoso plano de rapina.



Com suas roupas características e suas armas, quinze dos companheiros de Lampião posam para o fotógrafo. No centro do grupo, vê-se a jovem Dulce, mulher do cangaceiro Criança.

## O HOMEM DE NEGÓCIOS

Lampião convocou seus homens, dispersos pelas diversas regiões do nordeste; eram cerca de noventa. Dividiu-os em pequenos grupos de seis homens, sob a direção de um chefe. Este tinha o direito de escolher a região em que preferia operar. Quanto ao chefe supremo, instalou-se nas grotas da fazenda Angicos, de propriedade de um amigo, onde estabeleceu um verdadeiro quartel-general. "Os pequenos bandos atacariam fazendas e povoados, às vezes muito afastados da fazenda Angicos, que ficava no Estado de Sergipe. Antes de partir, recebiam de Lampião todas as instruções necessárias para o êxito de seu 'trabalho'. Em seu esconderijo de Angicos, Lampião só conservava oito 'cabras', seus guarda-costas. Eles vigiavam a 'fortaleza' do chefe, em que moravam Maria Bonita e as outras mulheres.

Lampião quase nunca saía do seu acampamento. Ali recebia carregamentos de munição, comprada a 1 000' réis por bala e revendida a seus tenentes a 10 000 réis." (Optato Gueiros, op. cit.) Esse comércio florescente permitia ao chefe não participar das ações e viver como um rico fazendeiro. Os anos passaram sem problemas nem perigos especiais. Em 1937, um boato percorreu o sertão: Lampião morrera já havia algum tempo, vítima de tuberculose. Tanto os cúmplices do bandido como a polícia sabiam que a notícia não tinha fundamento e que, pelo



contrário, Lampião continuava a preparar seus homens para os assaltos que não comandava mais. "Em junho de 1938, o tenente João Bezerra ( ...) prendeu o comerciante Pedro Cândido, na cidade de Piranhas, Estado de Alagoas; o cabo suspeitava há tempos de que Pedro Cândido tinha negócios com Lampião. Torturado, Pedro Cândido confessou tudo, revelando que todas as semanas ia ao lugar onde Lampião e seus homens se escondiam. E ali ficava, às vezes, muitos dias." (N. Masson, op. cit.) Os soldados, porém, não tinham coragem de atacar o esconderijo do cangaceiro e o tenente imaginou um ardil que tinha a imensa vantagem de só expor Pedro Cândido: deu-lhe um frasco de veneno e a missão de vertê-lo no café dos bandidos. Quando, em 29 de julho de 1938, os soldados assaltaram as grotas de Angicos, puderam atirar à vontade, sem temer resposta. Lampião e seus companheiros já estavam mortos. A polícia limitou-se a simular o combate, pilhar a caverna, despojar os cadáveres do dinheiro que levavam em seus cinturões e, por fim, como epílogo dessa cena macabra, decapitar os cangaceiros e colocar suas cabeças em baldes de sal.

Raul Meneleu às 08:04:00

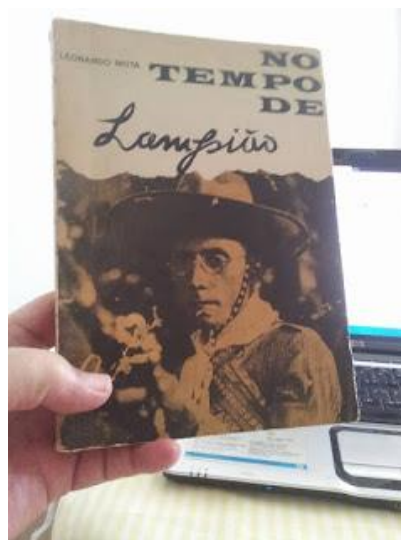


segunda-feira, 25 de janeiro de 2016

## No Tempo de Lampião: "O príncipe"

Notas e Rabiscos: Raul Meneleu

No tempo de Lampião, o cearense Leonardo Mota (1891-1948) jornalista e um dos maiores pesquisadores de causos nordestinos, largou tudo e embrenhou-se sertão adentro para encontrar-se com aquilo que lhe fascinava; coisas do Nordeste.



Dedicou-se a colher as histórias da boca do povo, registrando-as para a posteridade. **Como em todos os livros sobre Lampião, encontro discrepâncias entre os autores, não afirmo e nem "desafirmo" o que encontrei em minhas leituras.**

Em "Nos tempos de Lampião", (foto: possui a segunda edição de 1967) existe um capítulo dedicado a um príncipe. Quem seria esse para estar em uma narração que Leonardo Mota escreveu, em um livro de histórias sobre o mais famoso cangaceiro que percorreu os sertões nordestinos? Vejamos então esse capítulo:



## O príncipe

AMULATADO e de estatura meã; magro e semi-corcunda; barba e nuca ordinariamente raspada; cabelos compridos e, sempre que é possível, perfumados; na perna esquerda, encravada, uma bala, com que o alvejou o sargento Quelé, da polícia, paraibana; o olho direito, branco e cego, escondido pelos óculos pardacentos, de aros dourados; mãos compridas, que semelham garras; os dedos cheios de anéis de brilhantes, falsos e verdadeiros; ao pescoço, vasto e vistoso lenço de cores berrantes, preso no alto por valioso anel de Doutor em Direito; sobre o peito, medalhas do Padre Cícero, escapulários e saquinhos de rezas fortes; chapéu de cangaceiro, tipicamente adornado de correias e metal branco; ensimesmado toda vez que defronta uma turba de curiosos, folgazão quando entre poucos estranhos ou no meio de seus comparsas; não se esquecendo dum guarda-costa vigilante, à direita, sempre que desconhecidos o rodeiam; paletó e camisa de riscado claro, calças de brim escuro; alpercatas reluzentes de ilhoses amarelos; a tiracolo, dois pesados embornais de balas e bugigangas, protegidos por uma coberta e xale finos; tórax guarnecido por três cartucheiras bem providas; ágil como um felino, mas aparentando constante estropiamento e exaustão; às mãos o fuzil e à

cinta duas pistolas “Parabelum” e um punhal de setenta e oito centímetros de lâmina: eis Virgolino Ferreira da Silva – LAMPIÃO – duende das estradas, assombração das matas e caatingas!

Muita inverdade se tem escrito a respeito de Lampião. Já o impingiram até por “almofadinha”, a fazer questão de se mostrar de meias de seda, como se alpercatas de rabicho e meias finas não fossem coisas que hurlent de se trouver ensemble... Tais retratos estrambóticos correm mundo, mercê da facilidade de escritores e jornalistas em aceitarem, sem exame, esquipáticas informações.

O Sr. Gustavo Barroso, à pagina 94 do seu “Almas de Lama e de Aço”, sustenta que o pai de Lampião foi morto “pela polícia pernambucana”. Não é exato. O velho José Ferreira tombou, sem vida, quando uma volante alagoana encontrou resistência ao lhe cercar a casa, à procura de Virgolino e seus manos, que já eram criminosos. Por sinal que a referida força era comandada pelo então Alferes José Lucena e a esse tempo Lampião deixara de ser tropeiro do Cel. Delmiro Gouveia.

O Sr. Vergne de Abreu, à pág. 10 do livro “Os Dramas Dolorosos do Nordeste” chama a Virgolino de “covardíssimo cearense”. Não é

verdade. Lampião não deixou o umbigo no Ceará, mas em Pernambuco. Aconteceu tal “desgraça” aos 12 de fevereiro de 1900. Já o disse em versos o poeta popular José Cordeiro:

**No centro de Pernambuco,  
No Nordeste Brasileiro,  
No ano de novecentos,  
A 12 de Fevereiro,  
No termo de Vila Bela  
Nasceu esse cangaceiro.**

Virgolino tinha quatro irmãos: dos três que com ele se acumpliciaram, resta somente Ezequiel. Antônio Ferreira morreu de sucesso, digo, vitimou-o um acidente\*.

- \*Veja a história aqui:  
LAMPIÃO: A Morte de Antonio Ferreira - A Cabeça  
<https://www.youtube.com/watch?v=jyybp1lL3Cs>
- LAMPIÃO: A Morte de Antonio Ferreira - O Corpo  
[https://www.youtube.com/watch?v=1gOr\\_ZjLBps&pbjreload=10](https://www.youtube.com/watch?v=1gOr_ZjLBps&pbjreload=10)

Livino... este tem a caveira espetada numa estaca, entre Tacaratu e Jericató, no sertão de Pernambuco. João, débil mental, jamais acompanhou a irmandade delinquente.

Uma das maiores ojerizas de Virgolino é contra as sertanejas que, influenciadas pela moda, cortam o cabelo à la garçonne: estas são infelicitadas, não por ele que as detesta, mas a mando seu, pelos cabras que o acompanham. Os sacerdotes que pregam contra a depilação das mulheres não se esquecem de lembrar às fiéis que a devastação das tranças, afora as penas do inferno, pode importar os rigores da punição terrena de Virgolino.

Singular é que o bandido, abominando a moda feminina, não tenha, por seu turno, o tradicional respeito sertanejo pela barba e procure viver de rosto glabro, sem o precário ornamento capilar dos fios do ralo bigode.

Na minha última visita à Penitenciária de Recife, perguntei a Antônio Silvino, a onça ali enjaulada, desde novembro de 1914:

- Silvino, que é que você me diz de Lampião?
- Ah, seu Dr. Lampião é um Prinspe!
- Príncipe por quê?
- Veio depois de mim. Os tempos são outros. As arma estão mais aperfeiçoada. Não falta quem lhe dê tudo. Caixeiro viajante não é besta pra se esquecer de levar presente de bala pra ele. A poliça quer é só se encher de dinheiro no sertão. O mundo todo virou revoltoso. Os Governo deixam de mão os

cangaceiros porque não tem tempo nem de cuidar dos revoltoso. Não tenha dúvida: Lampião é um Prinspe!

- Mas, Silvino, Lampião está praticando horrores no sertão. Você, não! Você era um cangaceiro simpático, que respeitava as famílias e defendia os pobres. Diga-me uma coisa: homem que tem experiência das lutas, você não vê um meio de a humanidade se ver livre de Virgolino?

Lisonjeado, o velho cangaceiro passou a mão pelo cabelo aparado rente ao crânio e insinuou, sorridente:

- Home, só se a gente fizesse com ele o que fizeram com o Pitiguá...

Não atinei prontamente com o sentido da resposta, mas quando depois Silvino aduzia que bomba de dinamite não faz graça pra ninguém se rir, compreendi que ele lembrava o atentado contra o General Potiguara e sugeria o recurso duma bomba traiçoeira, disfarçadamente enviada ao Prinspe...

Nessa minha visita à Casa de Correção da capital pernambucana, conversei à vontade com vários comparsas de Lampião, já felizmente caídos nas malhas da Justiça. Entre eles, os que mais davam à língua eram Serra Umã, Braúna, Pássaro Preto, Zabelê, Cancão e Guará.

Braúna aludiu à religiosidade de Lampião. Alma atufada de crendices, pescoço a vergar sob o peso de patuás, Virgolino tem como sua mais eficiente mandinga a oração do meio-dia. Se a cavalo perlustra erma estrada, quando o seu relógio marca as doze horas, ele se apeia e, genuflexo na areia quente do caminho, curva a cabeça a comunicar-se com as forças misteriosas do Além. Mesmo no mais renhido tiroteio, abandona o fuzil e suplica a não sei que santos ou diabos lhe continuem a conservar o corpo fechado.

A uma indagação minha sobre se Lampião é corajoso, Zabelê atendeu:

- É, e tem uma coisa: pra prender ele inda não nasceu home. Pode nascer ou já nasceu pra juntar os pedaços dele, porque ele se esbagaça, mas não vai preso. Virgolino é home pra se acabar nas mãos doutro home, a qualquer hora do dia ou da noite. O cabra que cair na besteira de se botar a ele segure o pulo porque, se errar o salto, ele o lambisca depressinha, tão certo como dois e dois ser quatro. Tem uma coisa: brigar a toa, pra perder ou só pra desperdiçar munição, ele não briga...

Guará ponderou, numa comparação de discípulo aprendido:

- Espie só se os revoltoso andavam brigando a torto e a direito! A gente neste mundo só vadeia quando pode...

Serra Umã, com ar respeitoso, aparteou com uma informação preciosa:

- O único home que, se Lampião botar-lhe os olhos em riba, vai a ele, nem que saiba que os dois se desgraçam, é o capitão Zé Lucena, da polícia de Alagoas. Esse oficial era quem comandava a força que matou o pai dele, Virgolino. Lampião, quando fala nele, bate os queixo de raiva que nem caititu acuado, ou que nem paroara com sezão...

Pássaro Preto procurou fazer a apologia do chefe:

- Dizem que Lampião só tem é perversidade, mas ele, às vez, inté mostra que tem bom coração...

E com um exemplo ilustrou o que dizia:

- Logo que um garrancho de jurema fez aquele estrago no olho direito dele, ele um dia topou na estrada com um rapaz que disse que era médico. Era um doutorzim que acabava de chegar dos estudos no Rio, e vinha ganhar a vida aqui, no sertão de Pernambuco. Mais ele vinha um cabra frouxo, que andava de rife no cabeçote da cangalha, mas na "hora do pega pra capar", não fez a menor ação. Ficou foi



amarelo que nem uma fulô de algodão. Quando o moço falou quem era, Lampião disse, satisfeito: Com um Doutô mesmo é que eu andava com vontade de me encontrar”. O moço cuidou que Lampião estava dizendo que queria ter o gosto de matar um home formado e pediu por tudo quanto era sagrado que não lhe fizesse mal, pois não tinha mais pai e era quem sustentava uma mãe velha com um bocado de irmãos. Lampião sossegou ele:

- “Não tenha susto, o Doutô está garantido! Agora o que vai lhe acontecer é que o Sr. vai se despedir do mundo durante uma semana. Eu preciso que o Sr. vigie se dá um jeito neste meu olho encrencado. Pra isso nós vamos passar uns dias naquele saco de serra, onde eu conheço umas furna que é direito uma casa”.

O médico foi e, como na carga trazia umas mezinhas de primeira necessidade, pôde tratar de Lampião. Ao cabo de cinco dias, Virgolino estava muito melhor da infuleimação reimosa e resolveu ir botar de novo o Doutô na estrada real. No momento de se despedirem, Lampião deu a ele quatro contos de réis e, adispois de especular onde é que ele ia ganhar a vida, prometeu:

- Vá, seu Doutô, pode ir sem susto que eu lhe garanto que tão cedo eu não consinto outro Doutô tomar chegada no seu negócio. O Sr.

fica sozinho no lugar, que é pra assim poder ganhar mais dinheiro...

Como de fato. Passou-se foi tempo com tudo quanto era de médico medroso de andar por aquela zona. O doutorzim se encheu de dinheiro!

Fiz a todos a pergunta:

- Vocês não se lembram dalgum caso engraçado de matuto medroso, ao se ver às voltas com Virgolino?

Serra Umã foi o primeiro a manifestar-se:

- Uma vez, junto de Vila Bela, aqui em Pernambuco, Lampião chegou mais nós numa venda e mandou arrear uma dessas garrafas de litro de conhaque. Lampião, com cisma de veneno, fez o bodegueiro beber, na frente, coisa duns dois dedo e, depois, bebeu assim um meio copo. Estava-se nisso, quando um sujeito que nós não conhecia pediu a Lampião um golpinho da bebida. Lampião espiou pra ele de cara fechada e disse por aqui assim: – “Pra você nunca mais tomar confiança com homem que não é seu pariceiro, eu hoje lhe mato a vontade! “E obrigou o camarada pidão a beber todo o resto do conhaque! Ou bebia, ou levava faca! O cabra saiu que saiu à queda e foi lançar, foi vomitar, agarrado nas estaca dum cercado...

Riram os bandidos, como se o caso recordado fosse jocoso e não atestasse, acima de tudo, a perversidade de Virgolino. Mas para aquelas almas, embotadas pela torpeza de delitos inenarráveis, a brutalidade do gesto infame se afigurava de irresistível comicidade.

Zabelê cochichou qualquer coisa aos ouvidos de Cancão e este, num riso de monstro, a mostrar a fileira de dentes pontiagudos, cerrados como caninos, desembuchou, desembaraçado, aquilo que Zabelê se acanhava de referir:

- A coisa mais engraçada que eu tive de assistir passou-se numa fazenda do município de Princesa, na Paraíba. O velho dono da casa tremia que era ver vara verde. Lampião o botou debaixo de confissão, riscando-lhe o punhal nas costelas e ele acabou descobrindo o rumo da volante do Tenente Mané Binisso. Virgolino queria dar no velho uma surra de relho, mas, era tanto choro de muié e menino, que o jeito foi se perdoar. Mais com pouca, Lampião tirou do bolso um maço de cigarros e ofereceu:

- Pita?

O velho ficou calado, fez que não tivesse ouvido. Lampião tornou a perguntar, desta vez gritando no pé do ouvido dele:

- Pita?

Aí, todo tremendo, o velho disse:

- Pito. Mas, Vamincê querendo, eu largo o viço...

Postado por Raul Meneleu às 10:06:00

segunda-feira, 2 de fevereiro de 2015

## Lampião e o Lazarento - A outra face.

Texto de Raul Meneleu



A marcha estava sendo exaustiva e o calor vindo por cima e exalando quentura por baixo fazia os cabras vez em quando cambalearem como mamulengos.

Não dava para parar, as volantes com cabras dispostos, todos bem municiados, estavam quase em cima deles. E outra..., parar onde? Só o que se via eram pedras e areia misturados com aquelas hastes espinhosas dos mandacarus, apontando para o céu onde não se via nuvens. Só não dava pra ver os inimigos por causa do emaranhado de galhos secos e de vez em quando um pezinho mirrado e desfolhado de umbu.



As alpercatas de Lampião, ardiam como fogo e quando olhava para os pés, via-os latejantes querendo saltar fora do couro da "precata". Já não tinham água para aplacar a sede.

E essa era combatida com pequenos pedaços de rapadura, que encontravam perdidos nos fundo do embornais. Vinham de longe, vagueando por aquelas regiões inóspitas, varrendo a terra como se vento fosse, e trazendo desolação pior que a seca do sertão.

Eram cachorros enlouquecidos, mas não ganiam, pois não queria chamar a atenção dos inimigos.



Mas ai daquele que passasse na frente daquela matilha ensandecida. Com olhos injetados pelo sangue que subia às suas cabeças e que misturavam-se aos grãos de terra levantados em poeira naquela desembalada carreira. Mesmo assim com espantosa vivacidade e agilidade, encobriam

seus rastros, evitando o faro de hiena dos rastreadores, que a soldadesca “emburacava” atrás para lançarem seu ataque mortífero.



Era um rastejar permanente daquele grupo comandado por Lampião. Assim como também era permanente o rastrear das volantes e seus valentes.

Todos eles eram uma mistura provinda do mesmo caldo social estabelecido nos sertões nordestinos. Eram homens que no combate, se devoravam, entre as pedras e areias da caatinga. Lampião e seu bando, eram serpentes mortíferas, sibilando horrendamente e vez em quando atacando os endinheirados do sertão, abocanhando como áspides e derramando o veneno da morte e da destruição.



A noite já vinha chegando. Da quentura do dia, o sertão vira gelo na noite. Com as bocas ressequidas, Lampião e seus cangaceiros voavam no sereno, e procurando abrir as bocas nessa



desembalada retirada, tentando sorver o orvalho que começara a descer como tênue manto de frescor.

Mas a sede era maior que todo aquele sertão. Aliado a isso, a fome já também fazia-se surgir nas entranhas de cada um deles.



Mas com o avançar da noite, começaram a relaxar seus membros e articulações fatigados, e deixavam-se esmorecer e a pisar mais macio. O perigo tinha ficado pra trás, pensavam eles.

A friagem da noite emanava seu alívio, com ventos frios e entorpecentes, que não deixavam de ser também um problema. Lá pras tantas, desse sertão sem lua, avistaram uma pequena luz bruxuleante. Era um desses casebres perdidos no meio do mato, isolado naquela triste paisagem. Bem que poderia ser um fugitivo da justiça, assim como eles pois desse tipo, o sertão com seus poderosos homens distintos, fabricavam constantemente da noite para o dia ou do dia pra noite.





Ao aproximarem-se, viram que se tratava de uma pequena cabana de pau a pique, onde via-se pelos buracos

existentes entre o barro e as ripas, as chamas de uma lamparina dançar pelo efeito da aragem que zunia dentro do pequeno terreiro. Será que ali teriam pelo menos água? Aproximaram-se como onças para dar o bote, cautelosamente e silenciosos como os felinos fazem ao aproximarem-se de suas presas. Não pensavam em mais nada a não ser em água que lhes mataria a sede. Lampião bateu levemente na porta, como se a acariciasse, dizendo: - Ô de casa... - A resposta não foi imediata. Insistiu... - Ô de dentro... - maior silêncio... - O bando aguardava. E Lampião pela terceira vez, rompeu a mudez emanada da rústica morada, gritando: Quem está aí dentro?

Então uma voz fantasmagórica, mas humana, debilmente sussurrou um já vai, espere aí, já vai,



de forma tão sofrida que os cangaceiros estremecidos pela sede, já não lembravam dela. A lamparina moveu-se, a porta foi aberta por um vulto, como se fosse uma alma de outro mundo, talvez comparado até mesmo com a Morte, pois usava um capuz característico para esconder seu rosto; faltava apenas a foice, que fora substituída pelo fogo no pavio do bico de luz. - Que desejam a estas horas da noite? Lampião respondeu que apenas queriam um pouco de água para matar a sede dele e de seus homens. O bando todo, já tinha se chegado mais pra perto, curiosos em ver aquela cena que jamais nenhum deles esqueceria. O vulto encapuzado, escondendo sua face, balbuciou num murmúrio: Querem água...



Eu me chamo Virgulino Ferreira, conhecido como Lampião e estou vindo em paz pois apenas queremos matar a sede. O homem retrocedendo e abrindo passagem para Lampião e os seus,

que entraram no casebre que mal cabia todos, viram sentados no chão, por cima de um resto de esteira e panos maltrapilhos, uma mulher com dois filhos, que ergueu-se e perguntou ao marido quem

eram. Este respondendo disse-lhe que era Lampião e sua gente, de passagem e com sede. As crianças com medo, apertavam-se uma a outra, e a mulher disse para o marido que Lampião não deveria beber daquela água que eles tinham. E que se eles soubessem, não deveriam nem ter entrado na cabana.

Lampião com altivez disse-lhes que queria apenas água e não queria fazer mal a ninguém. O homem encapuzado com bastante jeito fez ver a Virgulino que eles tinham água, mas por conta de uma doença que tinha e que tinha sido escorraçado de sua cidade e vivia agora no mato não seria bom que bebessem.

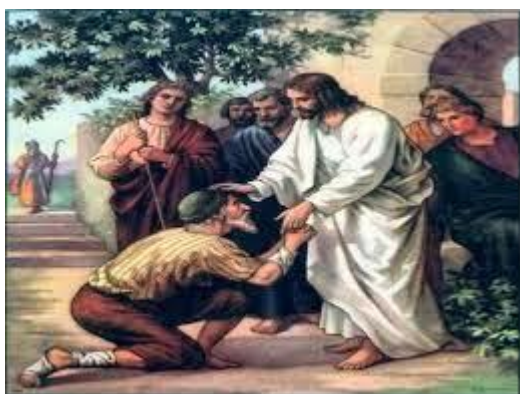


A doença era a lepra. Deixando cair o capuz, aquela pobre alma mostrou-lhes o rosto, onde parte dele estava carcomido pela doença.

O bando recuou amedrontado e deixou Lampião sozinho, e ele calado, imóvel, fitou aquele ser torturado e disse não saber de tão grande desgraça e que se soubesse não teria pisado naquelas brenhas perdidas.



Perguntou se fazia muito tempo da doença e o homem respondeu-lhe que sim. - E a mulher e as crianças, por que aqui ficaram? Perguntou Virgulino. E o pobre Lazarento, quase chorando de sua dor física e d'alma, respondeu-lhe que ela não o tinha abandonado e que mesmo assim ele não teria para onde mandar seus filhos.



Aqui encontramos a outra face do violento e destemido Rei dos Cangaceiros. A misericórdia rugiu forte em seu coração e ele saindo da cabana chamou um de seus cabras, que veio cauteloso de medo.

Lampião retirando duas cédulas que passou à mulher dizendo: Prepare os meninos agora mesmo, que eles vão ser entregues ao meu padrinho no



Juazeiro. E olhando para o cangaceiro, disse-lhe que levasse aquelas duas inocentes almas à casa do padre Cícero, lá no Ceará. E embrenhou-se novamente com seu bando, noite a dentro, sem tocar no pote e nem na caneca d'água do leproso. Nessa retirada, não comportava seu grito de guerra "Mulher Rendeira".

Essa é uma das estórias que encontramos quando nos aprofundamos na vida e nos atos da história de Lampião, O Rei do Cangaço, - ( Lampião - Nertan Macêdo - pgs 72-73) que em um episódio como esse, mostrava sua outra face, como que



querendo redimir-se perante o criador. Imitava ao filho de Deus, **mal comparando como se diz no sertão**. Não curava, mas ajudava os cegos, aleijados e outros que tinham doenças terríveis como a lepra. Tudo dependia de sua outra face.

Raul Meneleu às 13:31:00



sábado, 29 de novembro de 2014

## Cangaceira Dadá: A Suçuarana do Sertão.



Postado pelo confrade Antônio Correia Sobrinho em página do Facebook do Grupo de Amigos LAMPIÃO, CANGAÇO e NORDESTE. - JORNAL "O GLOBO" - 10/06/1973

### COMADRE DADÁ, ANJO DE CORISCO, O CANGACEIRO

Uma entrevista exclusiva de D. Sérgio da Silva, a Dadá, que foi raptada pelo cangaceiro Corisco, perdeu uma perna em 1940, no último combate contra as forças legais, e hoje enfrenta diariamente a máquina de costura, para sustentar 16 netos.

### DEPOIMENTO D. SÉRGIA DA SILVA...

Corisco dividia os homens disponíveis com Lampião. Às vezes, segundo Dadá, passava até oito meses com Lampião, mas normalmente se separavam depois de dois ou

três meses. Dadá lembra que, às vezes, chegavam a trocar tiros quando vinham no mato, e ambos pensavam que se tratasse de uma volante.

“Quando não tinha tiro, tinha alegria”. Assim é que Dadá lembra de sua vida em bando.

- Ah, era tudo de bom. Os coiteiros eram quem trazia as cargas. No tempo de briga tudo era mais racionado, mas quando tinha uma calmazinha, a coisa era bacana. Dinheiro não faltava, era aos montes, era o que mais se tinha. A gente recebia de um tudo. Dizem que eu tenho medo de delatar quem dava armas. Eu sempre digo a quem me pergunta, que não conhecia. Para que me pergunta? A gente não come para quebrar os pratos. A gente come pra lavar os pratos, pra quando precisar. E é mesmo, eu gosto sempre de ter um pouco de reserva com as coisas. Nos tempos da “calmazinha”, a vida do bando era para descansar e para a diversão. Os homens limpavam a capoeira e colocavam seus cachorros para brigar. A briga de cachorros era importante, cada qual queria ter o melhor animal e alguns deles ficaram famosos. Havia também a “luta de peito”, entre os homens. Os mais fracos eram eliminados até ficar apenas um, o mais forte e mais hábil. Os animais, nos tempos de paz,



ocupavam quase todo o tempo dos homens e mulheres. Havia corrida, disputas levadas a sério, principalmente por Maria Bonita, que tinha um burro chamado “velocípede”, considerado invencível pelo bando. Cada animal tinha um nome e uma sela ornamentada especialmente com tirinhas de couro e desenhos que ficaram conhecidos como símbolos do cangaço como: A burra do Zé Baiano era “Brinquedinho”, a de Lampião era “Simpatia”. “Fagueiro”, era o nome do burro de Corisco.

Noite de lua, em tempo de paz, os homens se reuniam para contar seus casos. Alguns tocavam viola, outros tocavam gaita. Corisco era bom na sua flauta amarela e preta, que Dadá guarda até hoje, dentre as poucas coisas que lhe restaram do cangaço. - Mas em tempo de persiga a vida não era fácil. Muitas vezes, a gente encontrava o bornal e o fuzil encostados no canto. Muita gente via que não era fácil, que era vida pra homem macho e debandava. A entrada de um recruta no bando era sempre a mesma coisa: Ah... O senhor sabe, eu queria seguir com o bando... ficar com vocês... E o chefe do grupo perguntava: você é homem mesmo? E acabavam combinando. Nos primeiros dias, dois homens cuidavam do recruta, observavam suas atitudes, sua esperteza e seu traquejo com uma arma que lhe davam,

geralmente não muito boa. Somente quando o homem provava que dava para aquela vida lhe entregavam um fuzil.

Embora nunca tivessem brigado, Maria e Dadá parece que tinham certa rivalidade. Maria de Déia, como era conhecida, no grupo, era a Primeira Dama do cangaço e não abria mão do privilégio. Para Dadá, Maria não era bonita e o apelido somente apareceu depois da sua morte em Angicos, em 38, quando morreu também Lampião, vítima de uma emboscada de uma volante.

- Maria era como uma criança mimada. Era enjoadinha e encrenqueira. Se Maria tivesse dando sotaque de manhã, Corisco viajava de tarde. Com Lampião, ela fazia ele de peteca. Só faltava dar nele, mas homem disposto não briga com mulher. Quando Maria estava muito levada, Lampião ria e dizia: "... Ave Maria, hoje ela tá danada, não tem quem possa. Junta ela e Guarani (o cachorro) pra me atazanar. Mas no dia que era ele que estava zangado, ninguém brincava, Maria ficava quieta.

Pelo que conta Dadá, Maria Bonita, se não fosse bela, pelo menos era faceira e viva. E sabia aproveitar-se dessa condição entre as outras mulheres. Montava em sua burra enfeitada, fogosa, e dizia pra todos bem alto: "Olha a mulher do Capitão. Olha os ouros da

mulher do Capitão, olha os vestidos”. Um dia Maria perdeu uma corrida com sua burra e quis sacrificar imediatamente o animal, o que não fez devido a interferência de Lampião, que sabia acalmar o gênio explosivo da mulher.

Dadá era diferente. Era mais madura e contava muito com a confiança do Capitão. Era desconfiada, não deixava o marido “fazer tratos à toa”. Ou ia na frente de Corisco ou ao pé dele.

- Eu queria estar junto dele, tinha medo de uma emboscada, que atirassem nele. Logo Dadá aprendeu a lidar com arma e a conhecê-las muito bem.

- A primeira arma que tive era toda enfeitada, bonequinha. Pistolinha bacana, revolverzinho enfeitado. Quando a coisa engrossou, passei a pegar no fuzil e parabelo. Quando era tempo de verão, era duro. A “macacada” tomava conta dos bebedouros. Tem coisas que eu vivi que nem sei contar. Eu nem sei como passei por tudo isso.

Talvez, se tivesse tido chance de ficar com os filhos, teria sido tão boa como mãe como o é como avó, que sempre cuida da compra dos livros, ou da saúde dos netos. Quando um adocece de uma coisa, outro tem uma dor de ouvido, ou uma gripe.

A vida de cangaço não permitiu a Dadá ser mãe. Outros cuidaram dos seus filhos; teve sete, mas somente três estão vivos, Maria Celeste, com doze filhos, Maria do Carmo, com quatro, e Silvio Bulhões, que é economista, “mas que não liga para mim”, com seis filhos.

O primeiro filho de Dadá nasceu em 1º de maio de 1933, mas devido à dureza da vida levada por sua mãe, não resistiu. - O menino mais velho, Josafá, ficou cheio de espinho, magrinho e morreu. Fiquei com ele três meses, mas o tempo era quente, tinha muita poeira, bagaço e espinho. E o meu medo era deixar um filho meu abandonado na hora de um ataque das volantes. Eu tinha meus filhos e não podia carregar. Aquele agreste não era lugar pra anjo. Quando eu tinha menino, eu ficava ali por perto. Quando o menino caía o umbigo, eu entregava a uma pessoa de responsabilidade. Maria Celeste eu entreguei ao Major Medeiros. Maria de Lurdes ficou com o Padre Soares, mas morreu pequena, e Silvio, com três meses de grávida, o Padre Bulhões me pediu a criança. Meus filhos não morreram assassinados, mas quando um menino cangaceiro ia para a cidade contratavam e quando vinha a medicação da farmácia trocavam por veneno. Nunca pude olhar pelos meus filhos. Somente

quando acabou a perseguição pude me encontrar com eles. Mas nada tive para dar. Nós compramos muitas coisas, mas quando sabia que era de Corisco, tomavam. Se soubessem que a gente tinha se encontrado com alguém, tomavam do pobre até a camisa. Por tudo isso, Dadá e Corisco sempre viveram com bando, mas sem filhos. Como marido e mulher, não tinham problemas. Havia muito respeito. Corisco somente se zangava quando a mulher começava a xingar. Ele detestava nomes feios. Quando Dadá dizia “peste”, ele imediatamente advertia:

- E a camisa que tu veste. Como tu pode andar com esses nomes na boca? Para muitos autores que escreveram sobre o assunto, a morte de Lampião, em Angicos, em 1938, com Maria Bonita “foi passado o atestado de óbito do cangaço no Brasil”. Dadá, em sua simplicidade, explica a situação em que ficou o cangaço, com a morte do chefe.

- Quando o compadre Lampião morreu, o mundo acabou. Ninguém podia substituir, ele veio para aquilo mesmo. Uma só palavra bastava. Um “não” bastava. Era um exemplo do mundo, apesar de feio, alto e magrinho. Ele tinha uma força diferente dentro dele, quando zangado dizia nomes que nem se sabia o que era. O sol quente, ele com sede, dava nomes que a terra parecia que ia pegar

fogo. Com a morte dele todo mundo começou a se entregar, sem combinar nada. Nos primeiros acordos eu fui contra. Eu disse a Corisco: “Se você quiser se entregar, se entregue. Eu não vou. Eu ouvi dizer que pegam os cangaceiros e matam. As mulheres, eles cortam os pescoços, como fizeram com Maria, mas não proíbo que você se entregue, se você quiser ir, e, se caso vencer na vida, me chame depois que eu vou”. Corisco preferiu ficar com a opinião da mulher. Diziam que ela o governava. Ela desmente, mas concorda que “quando pegava numa ideia, ele me ouvia muito”. Numa reunião melancólica e triste, Corisco falou para seus homens que poderiam ir embora, entregar-se, tomar qualquer destino. Quem ficou com medo, entregou suas armas ao chefe, e abandonou o grupo. Corisco seguiu o seu caminho, agora irreversível, já que vários tinham depositado confiança nele. Segundo Dadá, o maior desejo de Corisco era abandonar aquela vida. Uma vez pediu permissão a Lampião para abandonar o cangaço. Chegou a ir para Sergipe, sua terra, para viver como lavrador, ao lado de Dadá, sonhando criar filhos, umas duas cabeças de gado para o futuro dos meninos e esquecer os tiros, os sobressaltos, as fugas. Não passou de sonho. Foi reconhecido e forçado novamente a se unir a Lampião. Tinha que se

conformar, “não podia beber de qualquer água”.

Em 39, de maio para junho, viveu seu penúltimo combate, seguido por oito homens e sua mulher Dadá, “que valia por dez”. - Tudo que ia se dar com a gente eu via. Eu tinha visões, via passar pernas, via assim aquela fileira passando, me assustava. Comecei a temer porque se eu tivesse um sonho hoje podia preparar que tinha de ser aquilo. A gente tava viajando para Sergipe, para pegar um gado que Corisco queria dar para uma menina nossa. Mas essa viagem foi a maior atrapalhada. Um dia acordei assustada com as visões e disse: não fico mais aqui. Empaquei nisso. E tinha razão. Tinha oito dias que nós estávamos ali descobertos. Um rapaz que estava com a gente bebeu demais e disse numa venda que estava com Corisco. Um soldado que trabalhava na rodagem foi a Jeremoabo e contou onde estava Corisco e começou a perseguição. Nós saímos numa segunda-feira, uma hora da tarde, às sete da noite, a roça estava cercada de volantes. Durante toda a viagem para buscar o gado em Sergipe, aconteceram coisas estranhas. Andavam, andavam, andavam, e, quando reparavam, tinham andado em círculos. Quando iam passando pela terceira vez, pelo mesmo riacho, pulou um sapo amarelo



pintado de preto, pulando “na nossa frente”. Dadá advertiu: “Olha aí”. Corisco ficou com raiva e esmagou o sapo com a coronha do fuzil. Depois todos se sentiram tranquilos, menos Dadá. Se já era cuidadosa, passou a observar ainda mais cada movimento no mato. Cuidava mesmo assim de tudo, principalmente de um menino de 14 anos, chamado Roxinho, que fazia parte do grupo e a quem dera um fuzil, forrara o cantil como só ela sabia fazer e confeccionou com carinho cada peva de seus arreios; eram oito pessoas, ao todo.

- Quando a gente ia atravessando uma catingueira, eu ouvi aquela rajada e não vi mais ninguém por causa daquela poeira levantada pelos tiros. Depois vi Corisco atirando e me acenando com a mão, me chamando para junto dele. Quando a “macacada” ouviu ele me chamar de Dadá começou a gritar também pelo meu nome. Já estava Guerreiro baleado, levantando e caindo e me chamando. Como eu não tinha mais bala no parabelo e era impossível botar balas no pente, eu me abaixava e metia pedra na cara dos “macacos”. Roxinho foi baleado e quando cheguei junto de Corisco, ele disse: “Dadá, olha pra aqui. A mão estava dependurada, presa nos nervos, depois que uma bala varou também o ombro. Com um lenço, enrolei o braço dele e disse: Vombora. Seguimos pela

camaratuba, um mato mole, deixando aquele rastro mole no chão. Corisco ia pendendo para frente, perdendo as forças e eu gritando: “vombora, vombora, vamos morrer andando”. A fuga de Corisco e Dadá, em sua penúltima batalha, durou três dias e três noites de insônia, fome e sede, andando pela dourada, “um mato verde que ninguém esconde rastro”. Depois tiveram que atravessar a macambira, espinhos, “e tudo o mais”. Para alcançar um lugar seguro, como as alpercatas de Corisco eram muito pesadas, Dadá calçou as suas no marido, rasgou o vestido e enrolou nos pés.

- Que tem de morrer para o ano, não morre este não.

Mais uma vez, durante a marcha, encontraram “macacos”, trocaram tiros e conseguiram escapar. Quando atravessavam uma várzea surgiu um soldado. Dadá conta que ainda teve tempo de apanhar o seu fuzil, que estava pendurado no ombro de Corisco, e atirar primeiro. Quando tentou subir uma ribanceira para ver se ainda havia mais “macacos” por perto, deram “mais uma rajada de tiros tão grande que arrancaram o barranco de terra do tamanho de uma mesa. Me levantei com aquele bolo nas costas, os olhos cheios de terra e corri arrastando o fuzil”.

Ao fim da fuga, dos homens que estavam com Corisco sobrou apenas um, “Caixa de Fósforo”. Dadá mandou que ele fosse conseguir água, comida, roupa, qualquer coisa numa fazenda próxima, mas não confiou e continuou arrastando Corisco com medo de Caixa de Fósforo voltar com os “macacos”. “O cabra de Corisco voltou sozinho, mas, um dia depois, disse que tinha se perdido; mentira, não resistiu e dormiu”. Talvez Corisco só tenha saído com vida desse combate porque os três encontraram uma “farmácia”, um pote grande enterrado por coiteiros numa roça. Finalmente Dadá pôde olhar o ferimento do marido e passar outro medicamento, além de raspa de quixabeira, uma planta do sertão que dá umas frutinhas negras.

- Botei cachaça em cima e deixei. Quando rasguei o paletó com o canivete, estavam aquelas placas pretas enormes. Eu carregava uma binga cheia de fumo. Destampeei e botei fumo em cima das placas. O homem estava com aflição de dor, mas depois disso desceu aquele suor e ele disse que passou toda a dor. Quando ele arriou o braço, desceu aquela água preta, bicho assim. Rasguei toda a roupa dele de faca para curar a ferida. Passaram-se três meses e dezenove dias para Corisco ficar bom. Dadá lhe tirou o ferimento com farinha, cebola, lavava tudo com raspa de aroeira, deixava de molho com emplastro e

no outro dia lavava tudo de novo. Para chegar um curativo levava dois dias e duas noites. Caixa de Fósforo viajava, aproveitando a noite e trazia algum medicamento. Mas como o cotovelo continuava inchado, Dadá abriu com um canivete. Mas, com todo cuidado de mulher enfermeira, cozinheira, parteira, anjo, Dadá não devolveu à mão de Corisco os movimentos. Ele, o Diabo Louro, escondia a mão para não verem que estava aleijado. Portava arma, mas tinha que confiar na mira de Dadá, porque não podia apertar o gatilho.

- Eu tive um sonho. Nós estávamos ali e passava uma rede de defunto assim, pelo alto do céu, coberta de urubus. E eu dizia: "tá vendo, Corisco, ali é Zé Baiano que já mataram, vamos embora. Se todos os sonhos de Dadá eram uma previsão segura, quando ela acordou de manhã e contou o seu sonho a Corisco, estava contando também o fim do cangaço, se é que se pode falar na existência de apenas um cangaceiro, mesmo assim com a mão inutilizada, oito meses antes. Dadá mais uma vez acreditou nos seus sonhos e chamou o marido, que tinha parado na Barra do Mendes, apenas para fazer companhia a um homem que tinha perdido a sua mulher. Dadá estava fazendo as roupas de luto do viúvo, mas estava disposta a deixar a linha preta, a tesoura e a agulha para seguir seu caminho errante com o marido, a quem

protegia como um guarda-costas. Aquele homem com quem se casaria um dia em Porto da Folha, Sergipe, com um padre rezando o Ofício, “morrendo de medo”, era o ser mais valioso para ela. Defendera-o dos ataques das meninas mais novas, atraídas por seus longos cabelos amarelos e bigodes tratados e fazia o mesmo agora, contra o Zé Rufino que o caçava. Por isso Dadá insistia em deixar aquela Fazenda e seguir viagem. Corisco disse que tinha mandado um rapaz no povoado fazer umas compras e, tão logo chegasse, reiniciariam a viagem, como sempre sem destino certo. Mas quando o rapaz voltou da venda, a força policial tinha chegado primeiro. Eram dezoito homens e meteram fogo em tudo. Atiraram em Corisco e quando eu pulei uma cerca, não achei o pé. Só ficou pegado com um nervo. Eu dizia: corte isso, me dê a faca que eu corto, mas eles não atendiam. Veio um soldado para cá: acaba de matar essa... E eu disse, me dá esse fuzil e me chama de novo desse nome sujeito amarelo, magro, desgraçado. Eu cortava ele pelo meio...

Foram colocados em um caminhão e seguiram acompanhados pelos soldados, que iam cantando o tempo inteiro da viagem. Corisco agonizava e morreu doze horas depois de baleado. Dadá chamou Zé Rufino, comandante da força policial e pediu que mandasse os soldados pararem de cantar.

Antes de morrer, quiseram dar água a Corisco, mas ele não aceitou. “O que tiveram de fazer por mim, façam por Dadá”. Sempre que tinha forças para falar perguntava se a companheira ainda esta viva. Trinta anos depois da morte de Corisco, Zé Rufino, sentindo que estava muito doente, mandou chamar Dadá para lhe pedir perdão. Agarrou-se em suas mãos e, cheio de arrependimento, ouviu o perdão de Dadá, que só fez questão de lembrar que Corisco não tinha morrido em combate, mas desarmado, porque não podia sequer pegar numa colher.

- Não concordo com o procedimento dos autores. Trocam tudo. Mentem. Dizem coisas que não aconteceram, inventam. Minha revolta é contra o filme de Glauber Rocha, “Deus e o Diabo na Terra do Sol”. Ele foi errado em não combinar comigo. Diz que é assunto público. Mentira. Não pode ser. Eu existo. Estou viva. E não tem nada de cangaço ali. O que o filme tem é uma bandalheira, sujeira, povo sujo enrolado com uns molambos nos pés. Corisco, um homem bacana daquele (mostra fotografia do marido, com toda a sua bolsa, os braços arqueados de tanto equipamento). O filme mostra Corisco dando um tapa em mim – isso é o que mais me revolta. Ora, eu, hoje, uma pessoa me gritando eu não gosto, quanto mais pra me dizer que vai me dar um tapa. Nem Corisco. Todo mundo ali me respeitava. Até hoje,

quando encontro os sobreviventes, eles me abraçam e começam a chorar. O filme “Corisco, Diabo Louro” foi o que lhe rendeu algum dinheiro, além de uma estada de três meses em São Paulo. Mesmo assim, prometeram uma avant-première em seu favor, que nunca houve. Dadá se queixa da moça que se apresentou em um programa de televisão, respondendo sobre o cangaço e que vem explorando o seu nome constantemente. Chega em muitas cidades para lançar seu livro e fazer conferências, prometendo a presença de Dadá. Depois, inventa uma desculpa qualquer. Dadá se aborrece na hora. Depois esquece tudo, envolvida pelos 16 netos que sustenta. Agora tem uma grande esperança. Está fazendo artesanato. Belas bolsas enfeitadas como as dos cangaceiros, bordadas com linhas coloridas. Pretende vender, e com o dinheiro, se tudo der certo, comprar uma casinha longe da Rua dos Perdões, onde o ruído dos automóveis e caminhões lhe tiraram o direito à paz que não encontrou desde que veio para Salvador, em 1940. Porque os soldados achavam que todos os que morreram com balas de arma curta foram baleados pela mulher de Corisco.

Até mesmo para ela, tudo mais parece uma fábula desde que aquele homem magro de bigode e cabelo amarelo a montou na garupa



do seu burro e andou doze anos pela caatinga. Somente os 33 anos que a separam daquela vida deixa o cangaço distante. Tão distante como aquele homem de pouca conversa, boca pequena, que gostava de rezar, e que quando entrou no cangaço o cabra Jararaca disse: “Deixa que eu tomo conta deste. O apelido dele é Corisco.”

Raul Meneleu às 06:19:00



domingo, 13 de março de 2016

## **Zé Rufino, o matador de cangaceiros**

Esse valente comandante das forças públicas que combateu Lampião e seus grupos de cangaceiros, realmente foi um dos 'cabras' mais valentes daquela época.



Nesse vídeo em entrevista concedida pelo famoso Comandante de Volante Policial, Tenente Zé Rufino ao Jornalista Paulo Gil Soares em 1964 ele nos conta um pouco de sua vida na caatinga nordestina em perseguição aos cangaceiros e principalmente ao próprio Lampião.

Zé Rufino foi um dos mais temidos perseguidores de cangaceiros, chegou rapidamente ao oficialato na Polícia Militar da Bahia.

Zé Rufino se pudesse entrava dentro do coito pra começar o tiroteio. Era uma cobra cascavel. Realmente temos que destacar a figura de Zé Rufino "O implacável caçador de cangaceiros, que residiu, fez família e se tornou, por opção, cidadão jeremoabense. O matador de Corisco, página mais lida de sua história, começa a ter sua biografia destacada.

Nascido José Osório de Farias, sanfoneiro afamado em seu estado natal, Pernambuco, Zé Rufino foi convidado por Lampião para integrar o bando, que sonhava com sua sanfona alegrando o bando, recusando, e entrando na volante para fugir da vingança do rei do cangaço, que não aceitava uma negativa. Meses depois José Osório engajou-se à polícia chegando a receber graduação de tenente, e a partir daí surgiu o Tenente Zé Rufino. Chegou rapidamente a oficial, alcançando a posição de coronel da Polícia Militar da Bahia. Participando de inúmeros combates, Zé Rufino matou muitos cangaceiros, tendo se tornado um dos mais respeitados chefes militares na perseguição ao cangaço, tendo dado fim aos cangaceiros Pai Véi, Mariano, Barra Nova, Zepellin, Canjica, Zabelê, etc., mas Corisco, sem dúvida, foi o que mais lhe deu fama. Veja a entrevista feita pelo cineasta Paulo Gil Soares:

<https://www.youtube.com/watch?v=lg83y8-b9fQ>

Mas o fato que terminou pegando Lampião de surpresa, numa emboscada que ocasionou sua morte, tem também algo a ver com Zé Rufino. Cansado de ver o estrago que o comandante fazia no cangaço, Lampião manda uma mensagem a Corisco que dizia: “Vamos dar uma lição em Zé Rufino, que está querendo passar de pato a ganso.” E acertaram um

encontro exatamente na Grota do Angico para acertar uma emboscada contra o então tenente José Osório de Farias, conhecido como Zé Rufino. Para Lampião, o tenente andava 'atrapalhando' e era hora de tomar providências. Surpreendido pela volante, não houve tempo para colocar em prática a emboscada contra Zé Rufino.

Passados os anos turbulentos das perseguições aos cangaceiros, Zé Rufino comprou fazendas na região de Jeremoabo, e ali viveu até seu derradeiro suspiro.

Raul Meneleu às 20:11:00



domingo, 13 de março de 2016

## Cangaceiros e Volantes - Violência latente

Raul Meneleu

A história do cangaço é rica em acontecimentos que mostram que o sofrimento sempre estava em maior quantidade nos braços da população sertaneja, perdidas nas pequenas cidades, vilas e povoados do agreste nordestino, onde eram espremidos entre as volantes e os cangaceiros, todos sedentos de sangue e mentes fartas de maldade.



Quando Lampião andava pelo mundo, com certeza não tinha sido o Bom Deus dos Céus, que o tinha colocado por aqui, e muito menos mandado Zé Rufino, o maior caçador de cangaceiros com suas tropas, pois eram cobras e escorpiões, quando enfezados, usavam de todo o poder de suas peçonhas para azucrinarem a vida do sertanejo das caatingas.

Muitos ocorridos terríveis foram obras das Volantes que em sua busca insana de matar e

cortar a cabeça de cangaceiros, desprezavam a lógica e quando entravam nos povoados e cidadezinhas, faziam coisas piores que Lampião e seus facinorosos companheiros.

Em um relato de um desses malfeitos das Volante, temos o que se deu com a Volante de Zé Rufino, onde temos o seguinte histórico em que estavam no rastro de Lampião e seu bando, pega não pega, e o Rei dos Cangaceiros, sempre andando na frente e sabendo dos passos da volante.

Estavam em Sergipe, onde Lampião tinha total apoio e uma grande rede de coiteiros e sentia-se muito a vontade nos coitos da região de Poço Redondo, Sergipe. Quem nos oferece esse histórico, é Alcino Alves Costa, em capítulo de seu livro "Mentiras e Mistérios de Angico" sob o título "Fogo da Laginha na Lagoa do Domingo João"



Pois bem, Zé Rufino em sua tenacidade, quando chegava nos locais que os cangaceiros haviam se arranchado, só encontrava os restos de comida e pontas de cigarro, capim deitado e amassado e isso fazia que ficasse cada vez mais desconfiado que tinha gente na frente deles "avisano os cangacero".

Desanimados e com raiva, entraram no povoado e aborrecidos encontram um idoso de nome Trancolino, e o espancaram sem motivo nenhum, depois obrigaram dois rapazes a fazerem uma corrida e o perdedor levou uma forte sova, e não se dando por satisfeitos colocaram dois irmãos para brigarem, obrigando-os a esmurrarem-se e como recompensa cada um levou uma bofetada de cada soldado da Volante.

Os habitantes do povoado sem compreenderem essas absurdas atitudes em que Zé Rufino nada fazia para para-los. Era assim naqueles tempos de aflição; de um lado os cangaceiros, do outro as volantes, e imprensado estavam os sertanejos.

Raul Meneleu às 19:16:00

**Muitas histórias relatadas. Muitas invencionices para vender jornais, revistas e livros. Alguns relatados acima, são verdadeiras histórias, outras não. Algumas são ficção.**





## BIOGRAFIA

### Raul Meneleu Mascarenhas

- Blogueiro: <https://meneleu.blogspot.com/>
- Youtuber: [https://www.youtube.com/results?search\\_query=RAUL+MENELEU](https://www.youtube.com/results?search_query=RAUL+MENELEU)
- Conselheiro do Cariri Cangaço – Conselho Alcino Alves Costa
- Membro da ABLAC – Academia Brasileira de Letras e Arte do Cangaço
- Curador de Artes, Poeta, Contista, Ficcionista
- Livros editados: Quadrante 45 - Uma Viagem no Tempo  
Dimensões – Poesias  
Cangaceiros Envultados  
Crônicas do Cangaço

